

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - PPGL
ESTUDOS DA LINGUAGEM

A REPRESENTAÇÃO FEMININA NO DIA INTERNACIONAL DA MULHER
EM JORNAIS IMPRESSOS DE MANAUS:
uma análise discursiva em três tempos

MANAUS

2017

MARCONDES CABRAL DE ABREU

**A REPRESENTAÇÃO FEMININA NO DIA INTERNACIONAL DA MULHER
EM JORNAIS IMPRESSOS DE MANAUS:
uma análise discursiva em três tempos**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Amazonas, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Augusto Freire de Souza

MANAUS

2017

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

A162r Abreu, Marcondes Cabral de
A representação feminina no Dia Internacional da Mulher em jornais impressos de Manaus: uma análise discursiva em três tempos / Marcondes Cabral de Abreu. 2017
90 f.: il.; 31 cm.

Orientadora: Sérgio Augusto Freire de Souza
Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Representação feminina. 2. Dia Internacional da Mulher. 3. análise discursiva. 4. jornais. I. Souza, Sérgio Augusto Freire de II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

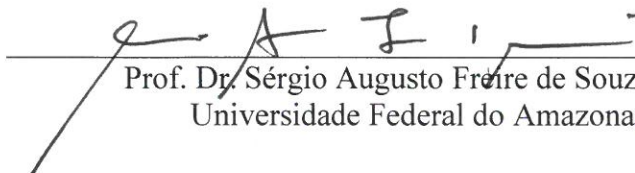
DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Universidade Federal do Amazonas
Programa de Pós-Graduação em Letras

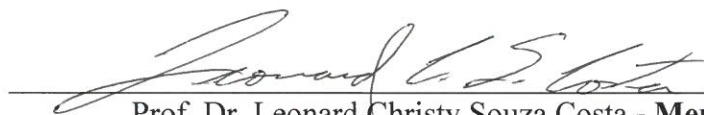
Marcondes Cabral de Abreu

**“A representação feminina no Dia Internacional da Mulher em jornais impressos
de Manaus: uma análise discursiva em três tempos”**

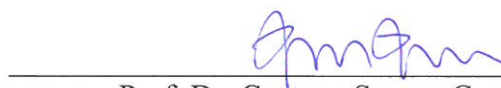
Banca Examinadora:



Prof. Dr. Sérgio Augusto Freire de Souza - **Orientador**
Universidade Federal do Amazonas - UFAM



Prof. Dr. Leonard Christy Souza Costa - **Membro**
Universidade Federal do Amazonas - UFAM



Prof. Dr. Gustavo Soranz Gonçalves - **Membro**
Centro Universitário do Norte - UNINORTE

Profa. Dra. Marta de Faria e Cunha Monteiro - **Suplente**
Universidade Federal do Amazonas – UFAM

Profa. Dra. Ana Cristina Fernandes Martins - **Suplente**
Universidade Federal do Amazonas - UFAM

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, pela força e energia na superação de obstáculos.

Agradeço à minha mãe pelo apoio e incentivo nas horas mais difíceis.

Agradeço a todas as mulheres da minha família, pela força e garra que representam e, em especial à minha tia Teresinha que faleceu recentemente, sendo ela quem plantou em mim, muitas indagações sobre a condição da mulher na sociedade.

Ao meu orientador por ter aceito me guiar nessa empreitada.

Aos meus colegas do mestrado pelos conselhos e pelos inúmeros incentivos.

Enfim, agradeço a todas as pessoas que fizeram parte desse momento tão desafiador e decisivo em minha vida.

DEDICATÓRIA

Dedico à minha mãe, à minha avó, às minhas tias e, em especial, à minha tia Teresinha. Mulheres que lutam por aquilo que acreditam e me ensinaram a ser o que sou hoje e me ajudaram a trilhar esse caminho.

Um mundo de fato igualitário seria aquele em que as mulheres comandassem metade dos países e das empresas e os homens dirigissem metade dos lares. Acredito que esse seria um mundo melhor.

Sheryl Sandberg

SUMÁRIO

Introdução	08
1 Primeiro tempo: o cenário	13
1.1 Dia Internacional da Mulher e a luta pelo sufrágio feminino.....	13
1.2 Feminismo (s)	28
1.3 Divisão social entre os gêneros	31
1.4 Mulher moderna e o discurso da feminilidade	36
2 Segundo tempo: a AD e a análise como recorte do real	42
2.1 Contexto de surgimento da AD	42
2.2 Linguagem	45
2.3 Ideologia	48
2.4 Discurso	51
2.5 Sujeito	51
2.6 Texto	52
2.7 Sentido	53
3 Terceiro tempo: como se estivesse concluindo.....	84
Referências,.....	87

Introdução

Muito tem se falado sobre as novas reconfigurações sociais e os novos papéis propostos pelos atores no jogo de relações sócio-discursivas. A mulher é um desses atores e sujeitos sociais que mais se tem movido nessa dança de reconfiguração. Mas de que mulher estamos falando? Nossa pesquisa parte daí.

Para tentar chegar perto de uma resposta, decidimos recortar o trabalho levando em conta uma data muito significativa. O Dia Internacional da Mulher. E optamos por selecionar dois jornais da cidade de Manaus para analisar como se dá, nesses veículos, a construção dessa imagem por meio do processo de textualização. Atravessada nessa questão, há um outro enquadre: a mulher empresarial e a mulher operária.

A pesquisa busca, portanto, analisar como ocorre a construção da imagem da mulher no Dia Internacional da Mulher em dois jornais impressos de Manaus à luz da Teoria da Análise de Discurso. Escolhemos o período de 2011 a 2014 por conveniência de acessibilidade ao material.

O trabalho visa a contribuir com a explicitação da construção do sentido de mulher no *Jornal do Commercio* e no jornal *A Crítica*. A ideia é investigar como esses jornais refletem práticas de silenciamento da mulher em determinados espaços e como o conceito de feminilidade é articulado em torno da imagem da mulher.

Por meio dessa investigação a respeito dos sentidos sobre a mulher, buscamos observar como ocorre a construção discursiva da posição não só da mulher, mas da mulher nas diferentes classes sociais. Buscamos compreender a construção discursiva de sucesso na classe empresarial e na classe operária.

Cabe lembrar, à título de esclarecimento, que os jornais circulam em espaços diferentes e, por isso, trazem sentidos outros que nos ajudam a compreender a condição da mulher nesses espaços de maneira mais ampla.

Hoje diz-se que a mulher é independente. Ela pode votar, escolher com quem casar e se quer ou não ter filhos. Pensar seu papel na sociedade é de suma importância para levantar algumas questões pertinentes ao tema. Uma pergunta logo surge: será de fato que

a mulher conquistou a tão sonhada igualdade? Os salários e a valorização no mercado de trabalho são equiparados entre homens e mulheres? Como tudo isso vai atingir a mulher operária e a (re)produção de seu discurso.

Em torno da mulher estão circundadas outras questões de forte valor social. Quando se estuda questões a respeito da mulher perpassam também questões sobre sexualidade, desejos, violência. A luta das mulheres pela igualdade entre os gêneros possibilitou o surgimento de outros movimentos por reconhecimento, valorização e respeito. E o que todos esses deslocamentos tem a ver com o que nos propomos?

Analizando o papel da mulher na História, constatamos o seu apagamento/silenciamento e isso já significa. O silêncio é o estado primeiro da linguagem (ORLANDI, 1995) e as causas que me levaram a escolher esse tema e a Análise do Discurso têm bastante relação em desvendar os motivos desse silenciamento, e têm também, como ponto de partida uma questão pessoal, a minha família. Não está o pesquisador alheio a seu objeto e desde logo assumimos tal posição.

Uma pausa para uma narrativa em primeira pessoa.

Sou oriundo de uma família bem grande. Meus avós maternos tiveram dez filhos, sendo cinco mulheres e cinco homens. Não conheci meu pai e minha mãe nunca fala a respeito. Tenho um irmão mais velho.

O meu avô tinha 45 anos quando casou com a minha avó, que tinha 18. Ele saiu de um outro relacionamento que tinha lhe dado sete filhos e minha avó casou com o objetivo de sair da casa dos pais. Depois disso, eles foram morar no interior de Iranduba (AM) e lá ficaram por mais de quatro décadas.

Meu avô morreu e minha avó veio morar em Manaus. Minha mãe foi a primeira filha desse casamento e tanto ela como as minhas outras tias foram criadas carregando peso, trabalhando no roçado, lavando juta, conduzindo o barco pelo rio Solimões, ajudando nos afazeres domésticos e no comércio quando era necessário.

Minha avó se chama Ana, minha mãe se chama Robenita e as minhas tias se chamam Teresa, Maria Margarete, Estelita e Georgete. Todas elas me influenciaram bastante. Sou um amálgama da convivência com elas.

Há algumas reverberações. Minha tia Teresa sempre falava a respeito da independência da mulher em relação ao homem. Uma das frases que ela disse para a minha prima, mas que me marcou profundamente e que não foi esquecida –

psicanaliticamente explicável – foi: “Minha filha, estude. Mulher que tem estudo não é humilhada por homem. Mulher tem que ser independente”.

Minha tia Maria Margarete sempre incentivou a minha prima Luana, a quem eu tenho como irmã, nos estudos. Ela afirmava com frequência a respeito da necessidade da independência da mulher, de trabalhar e estudar como uma certa carta de alforria da sociedade patriarcal. Nossas conversas sempre giravam em torno desses assuntos.

A escolha do nome dessa tia é interessante. O meu avô queria o nome de uma mulher poderosa, de comando, de pulso. E, em homenagem a primeira ministra da Inglaterra Margaret Thatcher, foi escolhido o nome.

Minha tia Estelita influenciou a mim nas questões religiosas. Ela me levava à igreja, ensinava-me as orações e me incentivava a prosseguir na religiosidade. Minha tia Georgete me influenciou nas questões relacionadas ao estudo. Filha mais nova, sempre me incentivou bastante, principalmente a fazer mestrado.

As filhas e os filhos dos meus avós foram chegando em Manaus aos poucos. A primeira foi a minha mãe. Quando chegaram aqui, todas foram trabalhar nas fábricas do Distrito Industrial. Mulheres operárias que mais tarde seriam resgatadas por mim neste trabalho.

Quando criança, eu ouvia que as mulheres não podiam ser submissas, que não haviam atividades somente masculinas ou femininas. Isso era recorrente. Minha mãe sempre fala que a minha avó mandava em casa. A minha avó estava no comando da distribuição das tarefas do dia, dizendo o que o meu avô tinha que fazer, negociando com comerciantes e em outras atividades. Minha família era uma matriarcado.

Expressões como “mulher não se cala para o homem”, “mulher não pode ser submissa para homem”, “não existe atividade só de homem ou só de mulher”, “mulher tem que ser independente financeiramente”, sempre foram comuns para mim. Paráfrases da construção de um lugar de enunciação.

Além disso – e por isso certamente –, sempre vi o papel da mulher na sociedade como importante. Muitos dos processos de mudança que ocorreram na sociedade foram iniciados por mulheres. E isso, para mim, sempre foi encantador e significativo.

Eu sempre via a minha mãe na ativa. Consertando encanamento ou fiação elétrica, envolvida na construção de casas, fazendo planejamento das casas dos meus tios. Quando eu era criança, ela me dizia que um homem tinha que saber de tudo: lavar roupa, fazer comida. Ela estava construindo em mim um sentido de igualdade de gênero.

Quando eu estava na graduação, sabia que queria estudar algo relacionado à mulher. Na mesma época em que ocorreu uma Semana de Letras, houve um minicurso de Análise do Discurso, ministrado pelo professor Paulo Roberto de Souza Freitas. Esse professor veio mais tarde a orientar meu trabalho no PIBIC (Programa de Iniciação Científica).

O professor levou propagandas para pensar discursivamente a construção da imagem da mulher. Aqui fechou a Gestalt. Não me restou dúvidas: era isso que eu queria estudar. Eu já conhecia a Análise do Discurso desde o primeiro período. Encontrava então meu objeto.

Fechamos a pausa. Retomemos.

Os jornais escolhidos foram os jornais *A Crítica* e *Jornal do Commercio*. A seleção se deu em virtude do público-alvo desses jornais. O jornal *A Crítica* abrange o grande público e é possível encontrá-lo nas bancas de jornais e à venda nas esquinas. O *Jornal do Commercio* é mais direcionado para as indústrias e comércios da cidade de Manaus. Não é facilmente encontrado. Jornais diferentes, públicos diferentes.

Sobre a AD, uma nota introdutória. A metodologia em AD é diferenciada em relação ao que se faz em outras linhas da linguística. Isso decorre da própria história da AD. Em oposição ao Estruturalismo, acreditava-se que era necessário não haver amarras para se fazer análise. Esse pensamento é fruto de um processo histórico que começou com os protestos de maio 1968, em Paris, e se espalhou pelo mundo.

A Análise de Discurso tem como objetivo a construção de um método pelo qual possa compreender a linguagem, não só pelo que está dito, mas pelo que não é dito. Os sentidos são produzidos assim. Estudar a linguagem pela opacidade, afetada pela ideologia, pelo real da língua e pelo real da história.

O modelo de metodologia a ser seguido nesse trabalho é baseado em Souza (2014). O autor propõe três etapas de análise: leitura flutuante, leitura analítica e perguntas heurísticas.

A primeira etapa de análise é a leitura flutuante, na qual o analista estabelece o primeiro contato com o texto a ser analisado. Em seguida, temos a leitura analítica sendo elaborada por meios das perguntas heurísticas, ou seja, perguntas que ajudem o analista a evidenciar os sentidos.

Essas perguntas heurísticas são: qual é o conceito-análise presente no texto (*a priori* ou *a posteriori*)? Como o texto constrói o conceito-análise? E a que discurso pertence o conceito-análise construído da forma que o texto constrói?

A partir desse modelo de análise, buscaremos responder a pergunta de pesquisa: qual é o sentido construído pelos jornais para mulher?

Definido e delimitado o tema, apresentada as relevâncias e escolhido o método, podemos definir a estrutura do trabalho, que ocorre em três tempos.

O Capítulo 1 abordará o cenário em que ocorre a pesquisa.

O Capítulo 2 tratará do método e da análise.

O Capítulo 3 trará as conclusões.

Vamos, pois, ao cenário.

1 Primeiro tempo: o cenário

Gosto, sim, de mulheres ousadas, daquelas que não têm receio de assumirem-se lindas, sexys e maravilhosas. Mulheres que sabem bem o que querem - e o que não querem! - sem se importar com conceitos antiquados ou tabus.

Mulheres de um novo tempo: o tempo delas! O tempo de elas serem tudo o que podem e o que quiserem ser, após tanto tempo de repreensão. Mulheres ousadas são, sim, mulheres que ultrapassam fronteiras, são verdadeiras agentes de transformação de uma sociedade ainda tão hipócrita.

Gosto de mulheres ousadas, por que reconheço que as mulheres têm todo o direito do mundo de assumir sua feminilidade, de aproveitarem as coisas boas da vida, e de serem imensamente felizes - até por que poucas coisas no mundo são tão belas quanto um sorriso feminino. E eu simplesmente adoro o sorriso das mulheres ousadas.

— Augusto Branco

1.1 Dia Internacional da Mulher e a luta pelo sufrágio feminino

Falemos sobre o Dia Internacional da Mulher.

Quando se aproxima o Dia Internacional da Mulher, os jornais e os meios de comunicação em geral resgatam uma história. Citam uma greve ocorrida nos Estados Unidos em que centenas de operárias lutaram por melhores condições de trabalho.

Porém, pouco se enfatiza o caráter político que teve essa greve e muitas outras que estavam acontecendo nos Estados Unidos e também no restante do mundo. As mulheres lutavam não somente por melhores condições de trabalho, como também por maior reconhecimento e direito ao voto. Lutavam, pois, por um lugar de fala e de escuta.

O direito ao voto surgiu como o grande unificador de todas essas lutas. As mulheres daquele período acreditavam que se pudessem participar dos caminhos políticos de seu país, poderiam eleger representantes que pudessem lutar pelos seus interesses. Essas lutas todas convergiam.

O Dia Internacional da Mulher, oito de março, teve importância histórica, política e forte teor simbólico de luta de trabalhadores e trabalhadoras. Conforme aponta Kollontai:

O 8 de março é um dia histórico e memorável para os trabalhadores e para os camponeses, para todos os trabalhadores russos e para os trabalhadores de todo o mundo. Em 1917, neste dia, a grande revolução de fevereiro eclodiu. Foram as mulheres trabalhadoras de Petersburgo que iniciaram esta revolução; foram elas as primeiras a decidir levantar a bandeira de oposição ao tsar e seus aliados. E, por isso, o dia das mulheres trabalhadoras é, para nós, uma dupla comemoração. (2010, p. 191)

A criação do Dia Internacional da Mulher veio após inúmeras lutas por parte das mulheres em maior reconhecimento, por melhores condições de trabalho, melhores salários e direito ao voto.

Porém, quando se fala do Dia Internacional da Mulher, ele é associado a um incêndio que ocorreu em uma fábrica chamada *Triangle Shirtwaist Company*, na região sudeste da cidade de Nova Iorque, nos Estados Unidos. Contudo, González (2010) afirma que o incêndio não teria ocorrido no dia 8 de março, mas sim no dia 25 de março de 1911.

Nesse incêndio morreram mais de 146 operárias, muitas delas imigrantes oriundas da Itália e da Europa Oriental e protagonizaram uma greve geral no setor têxtil antes desse incêndio, tornando algumas bastantes conhecidas. Em virtude disso, o incêndio ganharia ainda mais destaque.

Com duração de 13 semanas e resistindo a uma frente unida de empresários, juízes, advogados e policiais, essa se tornou a greve mais importante já realizada até este momento envolvendo apenas mulheres trabalhadoras. Foi também uma resposta àqueles que afirmavam que as mulheres eram incapazes de se organizar e, portanto, o movimento operário não podia contar com elas para enfrentar uma luta longa e dura. (GONZÁLEZ, 2010, p.41)

Os Estados Unidos testemunharam muitas dessas lutas como o movimento das grevistas em 1857, em Nova Iorque, no qual as mulheres saíram às ruas para exigir melhores condições de trabalho, salário igual aos dos homens, os mais valorizados nas indústrias.

Em 1908, também em Nova Iorque, mais de 15 mil mulheres invadiram as ruas exigindo melhores salários, redução da jornada de trabalho e direito ao voto.

Em 1910, as comunistas Clara Zetkin e Alexandra Kollontai e a anarquista Emma Goldman lideraram o II Congresso Internacional das Mulheres Socialistas, em

Copenhague, na Dinamarca. O objetivo era lutar pelos direitos das mulheres e também formar a consciência feminina sobre esses direitos.

Foi proposto por Clara Zetkin, nesse Congresso, a criação de um “Dia Internacional da Mulher”, mas a ideia não saiu do papel. As origens do “Dia Internacional” são incertas, conforme atesta Rocha (2009)

Os verdadeiros fatos e datas da escolha do dia 8 de março para a comemoração do “Dia Internacional das Mulheres” continuam confusos e misteriosos. Mas o importante é que essa data carrega em si a luta da mulher no caminho da sua libertação. As feministas participaram ativamente dessas comemorações, provocando reflexões sobre as políticas sociais adotadas, que impediam as mulheres de desenvolver seu potencial, de enfrentar o ensino superior, de votar e de ter acesso a oportunidades profissionais mais vantajosas. (p.155)

Outro evento que ocorreu nos Estados Unidos e que marcou o movimento sufragista foi a Convenção de Seneca Falls, realizada em julho de 1848. Esta convenção foi a primeira a reivindicar o direito da mulher ao voto.

A convenção contou com duas organizadoras que tiveram um papel fundamental: Lucretia Mott (1793-1880) e Elizabeth Cady Stanton (1817-1902). Elas se conheceram um ano antes na Convenção Mundial Antiescravista.

Lucretia Mott nasceu numa ilha chamada Nantucket, Cape God, centro da indústria baleeira da Nova Inglaterra. Segundo González:

Em cidades como esta era fácil desenvolver uma forte consciência a favor da igualdade feminina, já que as mulheres tinham que se encarregar de todos os assuntos durante as longas temporadas que os homens passavam no mar. Lucretia trabalhou como professora desde quase a adolescência. Esta experiência lhe permitiu perceber desde a mais tenra idade as desigualdades que as mulheres sofriam no trabalho, pois lhe bastava a comprovação de que recebia menos que seus companheiros homens. (2010, p.74)

Portanto, Lucretia Mott entrou em contato com as inúmeras desigualdades pelas quais passavam as mulheres em relação aos homens. Isso possibilitou o engajamento na luta pela igualdade de direitos e conquista pelo direito ao voto.

Outra figura de destaque foi Elizabeth Cady Stanton. Oriunda de uma família bastante conhecida – família de Johnstown – no Estado de Nova York, Elizabeth recebeu uma educação bastante esmerada e trabalhou no escritório do pai depois de se formar. Trabalhando no escritório, ela percebeu o quão desigual eram as leis para as mulheres, aprisionadas nos preceitos religiosos enquanto os homens dominavam no cenário político.

Não podemos esquecer que no ano da realização da Convenção de Seneca Falls, 1848, a Europa e o próprio Estados Unidos já sofriam fortes abalos. O Estado de Nova York, por exemplo, já tinha aprovado uma lei que dava às mulheres casadas o controle sobre as propriedades que herdassem. Na Europa, revoluções varriam o continente pedindo o fim do despotismo, ampliação dos direitos democráticos e a conquista de total igualdade.

Junto com Elizabeth Stanton, Susan B. Anthony liderou o movimento de direito das mulheres. Juntas elas fundaram a Sociedade de Temperança das Mulheres de Nova York em 1852. Essa Sociedade se mostraria importante porque além de buscar impulsionar o direito ao voto, buscava também alteração na lei do divórcio e luta contra a caga social que o álcool representava.

Com o fim da Guerra de Secessão (1861-1865), os escravos negros dos Estados do Sul dos Estados Unidos foram libertos e dotados de direitos comuns a todo cidadão americano, inclusive o de votar. A partir daí a reivindicação dos direitos das mulheres ganharam força e se tornou tema central.

Após a conquista da libertação, fato que motivou a Guerra, os escravos negros conquistaram vários direitos, inclusive o do voto. Em consequência disso, aumentaram os ataques racistas, conforme aponta González:

[...] se anteriormente as mulheres se haviam identificado com a população negra, por serem ambos privados do mesmo direito, agora seu comportamento se tornava racista, pois não podiam compreender que os negros gozassem de um estatuto superior a elas, senhoras brancas de classe média. (2010, p.80)

Foi nas décadas de 1870 e 1880 que ocorreu a proliferação de movimentos e organizações de mulheres, com caráter bastante conservadores. Com essa dispersão, era preciso pensar em algo que unisse todas as mulheres e sufrágio foi estabelecido com uma causa comum.

Na passagem do século XIX para o XX, inclusive durante a Guerra de Secessão, as mulheres foram firmando presença nas fábricas. Consequentemente, tornaram-se numerosas. Porém, muitos direitos ainda não haviam sido conquistados, conforme aponta González:

O número crescente de trabalhadoras proporcionava novos argumentos para a reivindicação do voto. Já eram muitas as mulheres economicamente independentes que, por isso, não necessitavam da tutela de um homem que lhes administrasse suas propriedades e seus salários. O que realmente elas precisavam eram leis que as protegessem dos abusos de todo tipo que sofriam

em seus locais de trabalho (jornadas de trabalho de dez e doze horas, salários abaixo do nível de subsistência, condições deploráveis, abusos sexuais etc). E para conseguir tais leis deviam desfrutar previamente de certa influência política, que, pensavam, só conseguiriam com o direito de voto. Paralelamente, crescia o número de obras que analisavam as consequências que o trabalho tinha para a posição social das mulheres. (2010, p.86)

Com a Revolução Industrial no século XIX, o mercado exigia maior produtividade. Mas as condições de trabalho eram precárias, com fábricas mal iluminadas, sujas, carga horária de trabalho de até 18 horas por dia. O pensamento socialista estava em seu auge e o feminismo se juntou ao movimento operário para se fortalecer.

Outros dois momentos que contribuíram para a inclusão da mulher no mercado de trabalho foram as duas grandes guerras mundiais. Com a participação massiva de homens no front de combate era necessário sustentar economicamente o país envolvido no conflito. Foram muitas que ocuparam cargos nas indústrias e fábricas para sustentar a casa, manter-se.

A participação feminina era urgente, necessária e primordial. Com isso, elas ocuparam cargos antes exclusivamente dos homens. Tudo isso só fortaleceu as associações feministas em busca de igualdade, mais oportunidades e maior reconhecimento.

Apesar das divergências nas organizações de mulheres, entre feministas e socialistas, a conquista do voto abriu margem para que outros direitos fossem conquistados.

As mulheres ocupavam cada vez mais espaço no mercado de trabalho e com a Primeira Guerra Mundial, tornou-se cada vez mais evidente. Em decorrência disso, não era mais possível inviabilizar o sufrágio feminino. E foi nos Estados Unidos, com o presidente democrata Woodrow Wilson, em 1916, que foi exposta a necessidade do sufrágio.

A situação das mulheres estadunidenses era bastante contraditória por duas razões. Primeiro porque os Estados Unidos queriam estender o regime democrático pelo mundo enquanto as mulheres não podiam opinar nos destinos do próprio país por meio do voto. E, segundo, porque elas ocupavam cada vez mais cargos no mercado de trabalho e já haviam saído dos espaços estritamente domésticos. Eram situações que desafiavam o cenário posto. Percebe-se nesse caso que, apesar de cada vez mais empoderadas, de livres

para circular por outros espaços, as mulheres ainda não tinham voz na política, na escolha dos caminhos do país.

Em alguns estados norte-americanos o voto já havia sido concedido muito antes da aprovação da emenda constitucional, em 1972. É o caso do Estado Wyoming em 1869, Colorado, em 1893 e Utah, em 1895.

A Nova Zelândia foi o primeiro país a aprovar o sufrágio feminino em 1893, seguida por Austrália em 1901, Finlândia em 1906 e Noruega em 1913. No caso da Nova Zelândia, é preciso levar em consideração as condições precoces pelas quais o país passava naquela época, ainda sobre o domínio inglês. As pressões inglesas por assimilação em relação aos povos maoris, estimularam medidas bastante inovadoras. Segundo Stearns:

As condições na Nova Zelândia também estimularam inovações bastante precoces em leis a respeito de relacionamento homem-mulher. Como em muitas sociedades coloniais ocidentais, em que as mulheres de origem europeia eram minoria e seu trabalho na agricultura de fronteira excepcionalmente valioso, manifestações por mudanças na questão de gênero emergiram com força na segunda metade do século XIX. (2010, p. 153)

Com isso, a Nova Zelândia se tornou a primeira nação, ainda em 1893, a permitir que mulheres adultas pudessem votar. Além disso, outras leis garantiram maior igualdade entre homens e mulheres, ampliação do acesso delas ao mercado de trabalho e ao divórcio.

Voltando ao movimento socialista, ele absorveu muitas mulheres em prol da transformação da sociedade. Embora pregasse que era necessária uma revolução socialista para depois pensar na igualdade entre homens e mulheres, o movimento foi se transformando por diversos congressos que estavam sendo realizados e que colocavam a questão da mulher na sociedade.

Destacando a diferença entre as socialistas e as sufragistas, González (2010) afirma que:

[...] a postura que as socialistas tinham que adotar perante o movimento sufragista era clara. O socialismo havia ensinado a elas que esse era um movimento reformista, enquanto o socialismo era revolucionário. As sufragistas só desejavam assegurar, mediante a obtenção de voto, os mesmos direitos que os homens de sua classe já haviam obtido. Problemas como a exploração de crianças, os baixos salários, a prostituição, as longas jornadas de trabalho não podiam ser erradicados simplesmente porque as mulheres

obtiveram o direito de votar. Para isso, era necessário que as mulheres unissem sua causa à do proletariado, para que os homens e mulheres com consciência de classe conseguissem com seu voto fazer avançar a revolução socialista, que traria consigo a libertação de toda a humanidade. (p. 99)

As mulheres percebiam que muitas de suas causas eram colocadas em segundo plano em prol da revolução socialista. Era nítida a contradição no movimento socialista porque os homens já haviam conquistado direitos que há muito tempo as mulheres estavam lutando para obter. Além disso, haviam outras questões próprias das mulheres que o movimento socialista, neste caso o estadunidense, colocava para segundo plano.

Entre Europa e Estados Unidos, o processo de luta pela obtenção do voto ocorreu de forma diferente, conforme atesta González:

[...] a relação entre sufragistas e socialistas desencadeou todo um debate, com partidárias da cooperação e com defensoras da não colaboração. As resoluções da Segunda Internacional faziam sentido nos países europeus, onde o direito ao voto era restrito aos proprietários com certo nível de riqueza e as sufragistas trabalhavam para estender o voto às mulheres nas mesmas condições, isto é, às proprietárias, e não para conquistar o sufrágio universal. Mas os Estados Unidos, nenhum partido apoiava o sufrágio limitado. (2010, 100:101)

Ainda nos Estados Unidos havia um dia específico para a “comemoração do dia da mulher”. Era o chamado *Woman’s Day*, no qual as mulheres denunciavam as opressões sofridas e lutavam pelo sufrágio feminino. A comemoração ocorria no dia 28 de fevereiro de 1909, passando para o dia 27 de fevereiro no ano seguinte porque havia um duplo interesse:

Por um lado, com ela pretendia-se despertar a consciência de classe das operárias, fazê-las refletir sobre sua situação na sociedade e as causas da escravidão econômica a que estavam submetidas. Por outro, aumentar seu interesse pelo Partido Socialista Americano, que se vangloriava de ser o único que defendia e lutava pela igualdade econômica e social de homens e mulheres. Além disto, e ainda que o último domingo de fevereiro fosse dedicado exclusivamente às mulheres e seus problemas, com isso se pretendia também conscientizar os homens, tanto de dentro como de fora do partido, sobre a situação de suas companheiras na sociedade e a necessidade de lutar pelo fim de sua discriminação. (GONZÁLEZ, 2010, p. 107)

Nos Estados Unidos a celebração do *Woman’s Day* ocorreu em diferentes partes do país, mas sem muita coesão. O principal deles ocorreu na cidade de Nova York, como aponta González:

Sem dúvida, a celebração do *Woman’s Day* mais importante foi a que aconteceu na cidade de Nova York, não tanto pelo brilhantismo ou originalidade dos seus atos, mas pelo significado dos mesmos. O fato de terem sido as grevistas do setor têxtil, protagonistas do “Levante das 20 Mil”, que

participaram da comemoração dessa jornada é muito revelador. Ele nos permite demonstrar que as origens do antecedente imediato do Dia Internacional da Mulher, isto é, o *Woman's Day*, não estavam em nenhuma manifestação das operárias, como sustentava o mito mais divulgado na historiografia americana, mas sim que foram as trabalhadoras, que haviam terminado sua greve 12 dias antes, que participaram dos atos celebrados pelas socialistas em defesa do direito ao voto das mulheres. [grifos da autora] (2010, p.109).

Vale ressaltar que poucos de fato dentro do Partido Socialista Americano (PSA) lutavam pelo sufrágio feminino. O PSA defendia o sufrágio, porém como algo eleitoreiro e também para que as mulheres não se filiassem a outros partidos, enfraquecendo assim a causa socialista.

Outra partícipe do movimento pelo reconhecimento dos direitos das mulheres foi a russa Alexandra Kollontai. Entrando em contato com as ideias de Marx e Engels e com toda a literatura da Revolução Francesa no exterior, Kollontai retorna à Rússia e inicia as suas atividades revolucionárias. Ela fez fortes críticas à Primeira Guerra Mundial e também aos mencheviques e toda a socialdemocracia europeia que apoiavam a guerra.

Kollontai acreditava que o Dia Internacional da Mulher era uma festividade ligada ao movimento das mulheres operárias. Não se tratava de uma celebração de todas as mulheres, mas exclusivamente das mulheres operárias para que mantivessem sua consciência de classe e lutassem contra a exploração.

Além disso, o objetivo desse Dia também era mobilização das massas trabalhadoras que necessitavam de mecanismos especiais para que fortalecessem sua consciência de classe. Acreditava-se ser necessário a união entre o movimento operário com o movimento de mulheres operárias para que houvesse a tão sonhada revolução socialista.

Apesar das críticas por considerar uma concessão à causa feminista e, consequentemente, um enfraquecimento do movimento operário, o Dia Internacional das Mulheres serviu para que os movimentos se unissem em torno de um objetivo comum: fortalecer a unidade da classe operária.

Outro fato importante que, sem dúvida, marcou a história foi a Revolução de Outubro de 1917. Viu-se a necessidade de se colocar em prática na Rússia as teorias socialistas, o combate ao capitalismo e a conquista da tão sonhada libertação.

Muitas operárias foram convocadas pelos socialistas para defender o movimento revolucionário. Contudo, foi nas ruas que elas foram participando como agitadoras, insurgentes e organizando o motim do dia 23 de fevereiro (8 de março pelo calendário ocidental).

Os acontecimentos de 23 de fevereiro de 1917 são importantes, não só porque deram origem à revolução e porque foram protagonizadas por mulheres, mas também porque, como tudo parece apontar, esses acontecimentos foram os que fizeram que o Dia Internacional da Mulher passasse a ser comemorado, sem mais alterações de data até hoje, no dia 8 de março. (GONZÁLEZ, 2010, p.129)

A entrada da Rússia na guerra, seguida pelo forte desabastecimento de alimentos, escassez de pão e etc., gerava fortes turbulências internas na Rússia daquele período. Porém, não é possível determinar com precisão que esse fato tenha desencadeado a Revolução Russa.

Nesse período, as mulheres em Petrogrado já haviam se convertido em chefes de família, enquanto os homens estavam na guerra. Os efeitos disso eram sentidos por toda parte e cansadas com tanta escassez e alta dos preços dos alimentos, elas saíram às ruas.

Outros grupos de mulheres também se uniram para protestar, como as *soldatki* – filhas, esposas, irmãs dos soldados. Conforme a manifestação avançava, mulheres operárias das fábricas, das oficinas e de diversos setores aumentavam a robustez da manifestação.

No dia seguinte, com as mulheres na parte oeste da cidade sobre a ponte do rio Neva, o número de mulheres já ultrapassava os 190 mil.

Manifestavam-se cantando as palavras de ordem “Pão! Nossos filhos estão morrendo de fome!”, lançando pedaços de gelo e pedras contra a polícia. No entanto nem os soldados nem os cossacos estavam dispostos a abrir carga contra as mulheres, que os convidavam a abandonar as armas e unir-se a elas. Em 10 de março a greve já era geral. No dia 12, os revolucionários constituíram o Soviete (Conselhos dos Operários) de Petrogrado, que passou a ser o centro de coordenação do levante operário. Dois dias mais tarde foi criado um Governo Provisório, e no dia 17 de março, com o exército ao lado dos revolucionários, o tsar Nicolau II renunciou e a Rússia se converteu em uma república. [grifos da autora] (GONZÁLEZ, 2010, 129:130)

Nesse processo, quem soube canalizar bastante o potencial das operárias foram os bolcheviques. Lançando mão de uma série de recursos para encaminhar as mulheres descontentes porque seus filhos e/ou maridos estavam na guerra e o desabastecimento se

agravava, eles lançaram revistas, fizeram palestras e organizaram debates, até mesmo nas fábricas, para unirem a causa revolucionária.

Para que a mensagem bolchevique pudesse alcançar todas as mulheres e transformá-las em agitadoras, inclusive as analfabetas, as editoras da revista iam pessoalmente às fábricas para ler seus artigos diretamente para as operárias. As operárias podiam, sem nenhuma dificuldade, se identificar com a mensagem que chegava até elas, em que os protagonistas eram crianças famintas, um faminto, um marido na frente da guerra e, como pano de fundo, a contraposição entre os bolcheviques, que queriam a paz, e os capitalistas, que se beneficiavam com a guerra. (GONZÁLEZ, 2010, p.132)

Com a Revolução Russa, a subida dos bolcheviques (que mais tarde se passaram a se denominar como comunistas) e alterações no novo governo, foram estabelecidas mudanças que beneficiavam diretamente as mulheres.

Nos primeiros anos de governo, foram adotadas medidas para melhorar a situação econômica, social, jurídica e educativa das mulheres. Todavia, apesar da forte participação das mulheres no processo revolucionário, elas não conseguiram chegar em postos de comando.

Leis, códigos e reformas foram proclamadas para que fosse garantida a igualdade entre os gêneros em todos os aspectos. Diversas instituições de ensino foram abertas às mulheres e dentro do casamento elas passariam a gozar do mesmo *status* de seus maridos, podendo conservar seus nomes, solicitar o divórcio, disputar legalmente suas heranças e propriedades.

Ao separar a Igreja do Estado, os comunistas invalidaram os princípios teológicos que restringiam a participação da mulher na vida social. O aborto foi legalizado em 1920 e a prostituição foi declarada ilegal. Aprovou-se o direito de receber igual salário por igual trabalho, a licença maternidade paga e se proibiu às mulheres exercer os trabalhos mais pesados, o trabalho noturno e horas extras. (GONZÁLEZ, 2010, p.133).

Na Rússia, as mulheres tiveram o seu direito ao voto reconhecido em 20 de julho de 1917. Isso se deu devido ao forte empenho das feministas e foi a primeira grande nação a conceder o sufrágio feminino.

As mulheres desse período eram bastante estimuladas a participar do processo revolucionário, da luta pelo socialismo e da igualdade entre os gêneros. As atividades domésticas eram vistas como improdutivas e alienantes. Associações de mulheres proliferaram por todo o país e o líder da revolução Lênin afirmava que era primordial a

participação das mulheres no processo revolucionário. Ele acreditava que, para uma revolução socialista de fato e com grandes proporções, era imprescindível a participação das mulheres.

Reformas foram feitas inclusive no sistema judiciário para que as mulheres tivessem todos os seus direitos garantidos. Além disso, objetivava-se expandir e propagar o socialismo e suas conquistas por outros países.

O trabalho no âmbito legislativo era o primeiro passo. O segundo, consistia em fazer com que as mulheres participassem ativamente da vida política e econômica. Mas para isso era necessário, primeiro, que se vissem livres do trabalho doméstico, que Lênin qualificava de mesquinho, estúpido e improdutivo pois não produzia bens de troca nem de consumo (para isso se construiriam restaurantes públicos, creches, lavanderias). Além de serem educadas e conscientizadas politicamente para poder intervir na vida pública. (GONZÁLEZ, 2010, p.136).

Foi realizado o 3º Congresso da Internacional Comunista entre os dias 22 de junho e 12 de julho de 1921 e foram aprovadas técnicas de trabalho para as mulheres operárias.

Os comunistas precisavam das mulheres para dar robustez ao movimento revolucionário. Prometiam que, ao chegar ao poder, a igualdade de gênero seria firmada e as mulheres poderiam conciliar os exercícios domésticos, como o cuidado com os filhos, e atuar ativamente na política do país.

Havia forte propaganda para divulgar as conquistas dos bolcheviques e a mobilização de operárias e camponesas para o triunfo do comunismo.

Com a chegada de Stálin ao poder (1928-1953), a inclusão das mulheres no mercado de trabalho aumentou visando uma revolução industrial profunda na União Soviética.

Foram organizadas listas de trabalhos para os quais as mulheres eram consideradas especialmente aptas – principalmente nas linhas de montagem – ignorando muitas vezes a legislação que as protegia de exercer trabalhos mais pesados e perigosos. Para tornar as mulheres trabalhadoras qualificadas, a partir de 1931 as universidades e as escolas técnicas industriais reservavam entre 25% e 50% de suas vagas para as estudantes – um antecedente das atuais medidas de ação afirmativa – e os salários entre os operários e operárias se igualaram. (GONZÁLEZ, 2010, p.141).

A condição da mulher operária soviética era bastante contraditória. Apesar de o trabalho doméstico ser considerado improdutivo e alienante, os homens continuavam a enxergar as atividades domésticas como próprios da mulher.

A incorporação maciça da mão de obra feminina gerou impactos na taxa de natalidade. Por isso, em 1934, o governo adotou medidas que apresentavam o retrocesso na luta pelos direitos da mulher.

Com isso, o aborto foi abolido, divórcio dificultado e o acesso às escolas técnicas e universidades suprimido. Aos poucos a mulher foi deixando o papel produtivo para incorporar o reprodutivo novamente.

Às disposições legais, se uniu o aparato propagandístico do regime estalinista que, se anteriormente havia promovido o papel produtivo da mulher, agora promovia seu papel reprodutivo, exaltando sua maternidade como dever patriótico e substituindo a imagem da revolucionária pela mãe abnegada. (GONZÁLEZ, 2010, p.142)

Aos poucos a corrente reacionária foi ganhando terreno e o pensamento antifeminista se fortaleceu. Afirmava-se que as mulheres já haviam conquistado a tão sonhada igualdade.

No início a comemoração do Dia Internacional da Mulher tinha um viés bastante político e eram organizadas mobilizações entre as operárias, camponesas, donas de casa. Portanto, o objetivo era claro: mobilização da classe operária em todo mundo.

O sentido dado inicialmente ao Dia Internacional da Mulher foi ganhando outras feições e foi considerado “[...] uma perda de tempo e de dinheiro, se esquecendo que era uma festa que aumentava a consciência de classe das mulheres.” (GONZÁLEZ, 2010, p.142).

Com isso, o Dia Internacional da Mulher foi se esvaziando e perdeu o seu caráter emancipador. O que se manteve durante aquele período foi o aspecto de uma festa comunista, pelo menos até a Segunda Guerra Mundial.

Nos Estados Unidos, na cidade de Nova York, mais de duas mil mulheres “vermelhas”, no dia 8 de março de 1928, tiveram o apoio da Conferência da Federação das Mulheres Trabalhadoras de Nova York para a celebração do Dia Internacional.

A comemoração, nos Estados Unidos, era um mote para luta contra o capitalismo, o imperialismo e também contra as más condições de trabalho, os baixos salários e o deficiente sistema educacional.

As mulheres estadunidenses acreditavam que deviam seguir os passos das irmãs soviéticas e exaltavam as mudanças que ocorriam na República Soviética, esperando um dia viver algo semelhante nos Estados Unidos.

Na busca pelo sufrágio feminino, por exemplo, haviam dois movimentos que se opunham movimentos feministas burgueses e o de mulheres socialistas. Ambos buscavam o sufrágio feminino, porém as diferenças sociais inviabilizavam para que esses movimentos se unissem.

O direito ao voto era símbolo mais poderoso da independência e da emancipação feminina. Ao reivindicá-lo se insistia na igualdade das mulheres, na capacidade que tinham para compreender a prática política e para participar ativamente nela. No entanto, a colaboração entre os dois movimentos, que se tratavam não somente com reticências, mas inclusive com certa hostilidade, tornou-se impraticável porque o abismo social que existia entre eles era insuperável. (GONZÁLEZ, 2010, p.153)

O movimento feminista tinha mulheres de classe média e alta, eram profissionais e independentes; enquanto o movimento socialista era formado por operárias ou esposas de operários, mulheres sem muita instrução e com filhos para criar.

Com o desenvolvimento da grande indústria e a substituição da economia natural da família, as mulheres adquiriram outro *status*. Com isso, as bases para que a mulher conquistasse a emancipação econômica das tarefas domésticas e da família estavam dadas.

Logo, o impacto da entrada da mulher no mercado de trabalho e o consequente avanço da indústria produziram efeitos na ação e no posicionamento da mulher e reivindicações passaram a fazer parte da luta das mulheres, como: busca pelo sufrágio feminino e melhores condições de trabalho.

E como fenômeno decorrente da independência econômica da mulher, apareceram a ação política e a reivindicação do direito ao voto para o sexo feminino. As forças econômicas eliminaram o sistema econômico natural da família e impediram que a mulher continuasse sendo um trabalhador produtivo apenas no lar. As mesmas forças econômicas criaram a possibilidade e a necessidade de uma nova atividade econômica para as mulheres fora, na sociedade, no mercado de trabalho. A destruição das antigas esferas da atividade econômica das mulheres criou no mundo da mulher burguesa a necessidade de dar à vida da mulher um novo conteúdo moral, ou, inclusive, assegurar-lhe os meios econômicos para a sua subsistência. (ZETKIN, 2010, p.170)

O desenvolvimento da indústria forçou as mulheres a ocupar outro papel na sociedade, não mais confinada ao lar. Salários baixos e altas jornadas de trabalho fizeram que as mulheres buscassem outros direitos.

A busca pela conquista do sufrágio, por exemplo, era importante porque permitia as mulheres maiores decisões nos caminhos da política de seu país, estabelecia a igualdade entre os gêneros e maturidade política para se desenvolverem mais livremente e atuarem de forma mais ativa na sociedade.

Entretanto, havia forte antagonismo nos interesses com relação ao sufrágio. As chamadas “burguesas” desejavam ter acesso à cultura e maior mobilidade social e profissional; enquanto as operárias buscavam não somente isso como também melhores condições de trabalho, maior reconhecimento e a luta contra o regime capitalista.

[...] tão logo as operárias se esforçam fervorosamente para serem capazes de usar seu poder político, o antagonismo de interesses entre burguesas e operárias se manifesta imediatamente. As burguesas desejam impulsionar reformas sociais com a ideia de fortalecer e manter a existente ordem social burguesa. Ao contrário, as trabalhadoras exigem o sufrágio, não somente para defender seus interesses na vida econômica e na esfera da cultura; elas o reivindicam não como uma arma para usar contra o homem de sua mesma classe, mas sim, em primeiro lugar e sobretudo, para lutar contra a classe capitalista. (ZETKIN, 2010, p.171)

Cabe aqui uma observação. Durante a polarização em que encontrava o mundo no período pós-Segunda Guerra Mundial, a disputa pela supremacia entre o capitalismo e socialismo impôs determinadas interpretações. Acreditava-se que era necessário derrubar inicialmente o capitalismo para em seguida implantar o socialismo e, com isso, as mulheres garantiriam a igualdade entre os gêneros.

Porém, durante esse processo de luta, viu-se que dentro do próprio movimento socialista havia preconceito e descaso por parte de seus colegas homens com as causas das mulheres. Para evitar a ruptura e o consequente enfraquecimento do movimento socialista, foram feitas algumas “concessões” e passou a apoiar o sufrágio feminino.

Contudo, outro questionamento surgiu daí que eram as mulheres analfabetas. Acreditava-se que elas poderiam ser usadas pelo clero para obter vantagens políticas e, com isso, prejudicar a luta proletariado.

No entanto, há dúvidas sobre a aprovação do voto feminino: os homens o veem como um perigo porque pensam que, graças aos votos das mulheres analfabetas, o clero poderia incrementar sua força política, o que prejudicaria

os interesses do proletariado (...) Contudo, nós reivindicamos o voto universal, não como recompensa pela maturidade política, mas sim como um meio efetivo de educar e organizar as massas. [...] Portanto, é nosso dever, através do trabalho intensivo de educação e organização, fazer crescer em nossas mulheres trabalhadoras a maturidade e a inteligência política para que seja impossível que as forças reacionárias contem com seus votos. (ZETKIN, 2010, p. 172)

O poder dado pelo sufrágio para o sexo feminino significava maior inclusão social, maturidade e um meio de romper com os obstáculos legais e sociais. A instrução dessas mulheres era urgente para que pudessem participar da vida política de seus países e lutar contra as forças reacionárias.

O atraso na falta de direitos básicos para as mulheres prejudicava significativamente o movimento porque a mulher era empurrada para a submissão e consequentemente ela se sentia indiferente ao movimento. Para reverter essa situação, começaram a reivindicar proteção especial ao trabalho feminino e a defesa do trabalho das mulheres.

Além da proteção do trabalho feminino, foram feitas campanhas contra a prostituição, a mortalidade infantil, melhores condições de vida e críticas ao elevado custo de vida.

Conforme já foi dito, as duas guerras alteraram significativamente o mundo. Com o fim das guerras, o mundo jamais seria o mesmo. Com a saída dos homens para os campos de batalha, as mulheres necessitavam de recursos para suprir as necessidades do lar enquanto o marido estava no front. Em virtude disso, elas foram estimuladas a buscar meios de sustento enquanto seus maridos estavam fora de casa.

[...] durante a guerra de 1914 – 1918, efetuou-se uma nova abertura às mulheres, mas como substitutas dos homens, sobretudo nas fábricas de material de guerra. A capacidade delas foi evidente, mas não viram reconhecidos a sua reivindicação ou o seu direito a substituírem-nos eventualmente, salvo nas profissões desvalorizadas – traço que se acentua após a Segunda Guerra Mundial: sucessivamente na saúde pública, no ensino, nos serviços. (FERRO, 2011, p.666)

Após a Segunda Guerra, a mulher firmava presença no mercado de trabalho que havia iniciado na Revolução Industrial, para ganhar ainda mais visibilidade. Quando os homens voltaram da guerra, as mulheres já estavam presentes em diversas ocupações no mercado de trabalho e não havia mais volta ao espaço estritamente doméstico.

Após a Segunda Guerra Mundial, o feminismo tomou vigor, as mulheres saíram da vida privada e ganharam direitos civis e políticos, lançando-se nos negócios públicos, ao lado dos homens. Multiplicaram-se as oportunidades de

emprego atraentes, por agregarem licenças remuneradas, promoções, aposentadorias. (ROCHA, 2009, p.167)

Foi em meio a todas essas transformações que o feminismo surgiu e impôs reflexões a respeito do papel desempenhado pela mulher na sociedade. Passou-se a exigir mais direitos civis e políticos e maior valorização no mercado de trabalho.

1.2 Feminismo (s)

Em linhas gerais, o feminismo é “[...] um movimento que reflete e divulga a ampliação dos direitos civis e políticos da mulher” (ROCHA, 2009, p.31). Contudo, é comum relacionar o feminismo com questões estritamente sobre as mulheres.

Entretanto, o movimento feminista também trata questões de classe, raça e sexualidade e coloca em pauta questões sociais de extrema relevância e dialoga com as correntes próximas ao socialismo e do marxismo.

O movimento feminista pressionou limites até então estabelecidos e contribuiu com outras formas de pensar e conceber o mundo. Em consequência disso, seria mais adequado falar em “feminismos”, haja vista as várias feições que o movimento tomou em diferentes países.

Comumente pensamos que foi a partir do movimento feminista nos anos de 1960 que a mulher alcançou o mercado de trabalho, conquistou autonomia. Porém, esse era um processo há muito em gestação ao longo da história.

Embora o movimento feminista tenha contribuído para uma série de avanços em relação ao gênero e questionamento das estruturais sociais, não foi o causador da emancipação feminina. Vários fatores ocorreram na história possibilitaram mudanças e novos caminhos para as mulheres. O acesso ao conhecimento, por exemplo, e ao ensino superior, ocasionaram em maior presença de mulheres no mercado de trabalho e também reivindicando direitos.

O feminismo não deve ser visto apenas como movimento que busca a igualdade entre mulheres e homens, mas também como questionador das estruturas subjacentes na sociedade.

Nas lutas pelo voto feminino e pelo acesso das mulheres à educação, assim como na exigência de direitos iguais no casamento e do direito ao divórcio, do direito das mulheres à integridade física e a controlar sua capacidade reprodutiva, o feminismo pressionou limites da ordem estabelecida, é claro, mas também das formas de pensar o mundo que a legitimavam. (BIROLI & MIGUEL, 2014, p.8)

Podemos ver o feminismo também como um grande aglutinador dessas ações de luta das mulheres que já vinham ocorrendo no seio da história mais especificamente, desde o Iluminismo e fortalecendo-se na Revolução Industrial.

A mulher, mais especificamente a operária, no século XIX, sofreu com as mudanças no plano econômico. Vivia-se o período da Revolução Industrial e a mulher foi sendo incorporada ao mercado de trabalho.

É somente no século XVIII que homens profundamente democratas encaram a questão com objetividade. Diderot, entre outros, esforça-se por demonstrar que a mulher é, como o homem, um ser humano. Um pouco mais tarde, Stuart Mill defende-a com ardor. Mas esses filósofos são de uma imparcialidade excepcional. No século XIX, a querela do feminismo torna-se novamente uma querela de sectários; uma das consequências da revolução industrial é a participação da mulher no trabalho produtivo: nesse momento, as reivindicações feministas saem do terreno teórico, encontram fundamentos econômicos; seus adversários fazem-se mais agressivos. (BEAUVOIR, 2009, p.24)

Essa mudança gerou impactos sociais porque as discussões em torno do papel da mulher na sociedade saíram do plano estritamente teórico para o plano econômico. Com todas essas as mudanças pelas quais o mundo estava passando, maior presença da mulher no mercado de trabalho, novas demandas e velhos dilemas, a mulher se uniu em torno de uma causa que lhe pudesse dar voz: feminismo.

Com a maior presença da mulher no mercado de trabalho, houve uma tendência reacionária que tentava impedir esse avanço. Apoiando-se na solidez da família, a emancipação da mulher foi vista como ameaça.

Dentro da classe operária, por exemplo, os homens enxergavam na mulher uma concorrente desleal sempre disposta a trabalhos com baixas remunerações e, por isso, a necessidade de frear essa libertação do espaço doméstico.

Um ponto que merece destaque é a formalização dos casamentos para a segurança dos filhos. Segundo Rocha (2009) os movimentos feministas deixaram a questão de lado e a crise familiar vivida nos dias atuais é reflexo disso, ou seja, a mudança de valores, falta de educação.

Os movimentos feministas sempre colocaram em questão vários assuntos que constantemente afligiam as mulheres, não somente relacionados à política, mas também temas ligados às questões de saúde pública da mulher.

Em 1984, a ação do movimento feminista no Brasil garantiu, como política nacional e princípio fundamental, o acesso integral à saúde reprodutiva, no entanto, em 1990 e em 1999 [...] as campanhas preventivas às Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST's), à Aids, ao câncer do colo de útero e da mama, e as reivindicações por creches eram “questões de mulher” e como a mulher metalúrgica não a agenda das prioridades sindicais, consequentemente, essas demandas vinham a reboque ou eram ignoradas e, assim, os macroproblemas da categoria, a urgência do hoje do comando sindical, passou a ser também delas. [grifos da autora] (VIEIRA, 2002, p. 66)

Pensando a situação da mulher na sociedade contemporânea, na mudança de paradigma devido às fortes transformações pelas quais o mundo passou, é comum ouvirmos expressões como: “as mulheres são independentes”, podem trabalhar, votar e etc.

Pelo viés quantitativo, é notório que a participação da mulher no mercado de trabalho vem aumentando progressivamente. Mas como a mulher é tratada, como ela é vista quando entra no mercado de trabalho? Ela pode ocupar cargos de chefia, tem espaço para isso? E a diferença salarial?

Pesquisas realizadas em várias regiões do mundo constataam a crescente inserção da mulher no mercado de trabalho, ocupando funções que, há algumas décadas, eram de domínio exclusivo do sexo masculino. Nelas, percentuais são transformados em gráficos generosos que sugerem uma ascensão espetacular da mão-de-obra feminina. Vista pela ótica dos números, esta é uma realidade: a mulher ascendeu, rompeu a corrente e se faz presente nesse universo mercadológico. Como se inscreve, a sua presença é a outra face, não exposta, dessa realidade. (VIEIRA, 2002, p.13)

Há muitas contradições nesse espaço “recém” conquistado, um deles é o silenciamento do discurso da mulher, principalmente o da mulher operária. Olhamos para os números e é notório: as mulheres participam mais do mercado de trabalho, podem escolher se querem ou não casar, se querem filhos ou não.

Porém, as condições as quais são impostas às mulheres são importantes e se refletem na linguagem. Por isso, “O silenciamento/apagamento da mulher [...], no discurso sindical, é um indicador de que as regras da ordem estabelecida, da submissão, estão sendo operadas pela palavra, pela ideologia, com todo vigor. (VIEIRA, 2002, p.71)

O silêncio é assim a “respiração” (o fôlego) da significação; um lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido. Reduto possível, do múltiplo, o silêncio abre espaço para o que não é “um”, para o que permite o movimento do sujeito.[grifos da autora] (ORLANDI, 1995, p.13)

O silenciamento em Análise do Discurso (AD) é a força motriz da linguagem, não podendo ser considerado como “resto” de linguagem, mas como algo que ficou apagado.

O apagamento da fala da mulher, por exemplo, não é à toa. O silêncio é um produtor em potencial de sentido.

Antes de falarmos da mulher operária, é preciso que façamos algumas considerações a respeito da constituição dessa mulher enquanto mão de obra no decorrer da história. Como se deu a divisão social do trabalho? Quais as consequências dessa divisão na atribuição de tarefas como sendo somente dos homens ou somente das mulheres?

Precisamos destacar que a divisão social entre os gêneros começou a bastante tempo, mais especificamente na pré-história na idade das pedras que pode ser subdividida em dois períodos: paleolítico (período da pedra lascada) e o neolítico (período da pedra polida).

1.3 Divisão social entre os gêneros

A predominância do sistema matriarcal foi forte entre os períodos do paleolítico e o neolítico. A liderança feminina era notória e a maternidade era a prioridade. O conceito de família nesse sistema matriarcal era bem diferente do que conhecemos hoje, regidos predominantemente pelo sistema patriarcal.

Como todo sistema matriarcal, não existia estrutura familiar como a conhecemos hoje. A ideia de casal era desconhecida. Cada mulher pertencia a todos os homens e cada homem pertencia a todas as mulheres. As crianças consideravam a todos como pais e mães. A divisão dos subgrupos da comunidade era feita por meio da origem materna. O pouco que se conhecia como família era de descendência materna; a paternidade era totalmente ignorada. (ROCHA, 2009, p.42)

Com o surgimento da divisão de trabalho já naquele período, algumas especificidades foram atribuídas ao homem e a mulher. Por isso, mulheres, crianças e idosos ficavam responsáveis pelas atividades de coleta e cozimento dos alimentos; enquanto o homem, pelo aspecto físico, restava a caça.

Em suma, a divisão de trabalho se baseava pelo sexo e pela faixa etária. Ainda pairava o mistério da procriação que protegia a liderança feminina e preservava o sistema matriarcal. Os homens desconheciam seu papel na concepção, enquanto as mulheres negociavam a proteção deles devido a desvantagem física delas. Vale ressaltar que, o período do Paleolítico foi bastante hostil e as diferenças eram resolvidas pela força bruta.

Com as atividades relacionadas à caça e ao comportamento viril dentro e fora de casa, estava lançada a fabricação do homem que perpassaria a nossa história até os dias atuais.

No período seguinte, no Neolítico, ainda predominava a liderança feminina. A fecundidade era considerada um dom, um poder inerente à mulher, e as atividades ligadas à agricultura e à pecuária deram início ao Neolítico. Acreditava-se numa imagem de uma deusa-mãe:

A imagem da deusa era uma mulher dando à luz, símbolo do doar, do cultivar a terra, do prover. Seios fartos, abdome proeminente e quadris largos, a imagem da deusa era cuidadosamente esculpida para representar o poder da concepção. A atividade econômica estava diretamente ligada ao culto da deusa-mãe. Eles acreditavam que a fecundidade da mulher-deusa influenciava diretamente na fertilidade dos campos para a agricultura. (ROCHA, 2009, 44:45)

O poderio dessa deusa-mãe permanece do fim do Paleolítico até o início da idade do bronze. Características incorporadas ao “conceito de feminilidade” da época eram a nudez e a obesidade que eram vistas como símbolo de fartura e fecundidade.

A diferenciação entre homens e mulheres começou com o cultivo de animais. Pouco a pouco, o homem deixou as atividades ligadas à caça para se dedicar a atividade pastoril. Em seguida, observou-se que os períodos de cio das fêmeas, as copulações, a gravidez, o parto e perceberam que o homem desempenhava papel imprescindível também no ato de procriar.

A descoberta do papel que o homem tinha na procriação gerou impactos irreversíveis. A mulher até então considerada autossuficiente na concepção, sofreu fortes abalos e todo seu poder foi desmistificado. O homem foi se tornando mais autoritário e opressor com a mulher.

Rocha (2009) afirma que a ideologia patriarcal se confunde com a própria história da civilização humana e existe há cerca de 5 mil anos. Essa estrutura estimulou a sujeição física e mental da mulher, restringiu a sua sexualidade.

A ideologia patriarcal fez da mulher submissa ao homem, perdendo controle sobre seu corpo, devendo manter-se virgem. Ao casar, saía da família e do controle do pai e passava ao controle do marido.

Aos poucos a estrutura social foi se adequando para garantir a supremacia do homem sobre a mulher. Inicialmente a diferenciação e, consequentemente, a hierarquização entre os gêneros como atesta Bourdieu (2012):

A diferença *biológica* entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino, e, especificamente, a diferença *anatômica* entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os *gêneros* e, principalmente, da divisão social do trabalho. [grifos do autor] (p. 20).

Segundo Bourdieu (2012), o princípio da divisão de tarefas entre os gêneros teria começado com a diferença biológica, na diferença anatômica dos órgãos sexuais que embasariam o estabelecimento, a divisão de atividades específicas entre os gêneros.

Marx (2002) afirmava que a divisão de trabalho obrigava uma nação a separar o trabalho industrial e comercial do agrícola e, consequentemente, a separação entre o campo e a cidade. Em seguida, temos a separação do trabalho industrial do comercial e as subdivisões internas entre eles. Com isso, os indivíduos passam a ocupar atividades e trabalhos determinados em cada uma delas.

[...] a divisão do trabalho, que originalmente nada mais era senão a divisão do trabalho no ato sexual, e depois a divisão espontânea ou natural do trabalho em virtude da disposição física, das necessidades, do acaso etc. a divisão do trabalho só se torna realmente divisão a partir do momento em que surge uma divisão entre o trabalho material e espiritual. (MARX, 2002, p. 38).

Do ponto de vista de Marx, a divisão entre os indivíduos começou com a divisão social do trabalho, fruto de um processo de divisão que havia começado entre campo e cidade e depois se expandiria e assumiria outras feições.

Quando falamos no processo de dominação masculina sobre a mulher não podemos deixar de fora os aparelhos de Estado (Ideológicos e Repressivos) usados para garantir essa dominação. A escola e a igreja foram os principais aparelhos ideológicos utilizados.

O papel desempenhado pela escola refletiu esse processo de dominação, porque muitas vezes as meninas eram ensinadas atividades que eram exigidas dela no lar. Não havia educação para atuarem enquanto cidadãs, críticas, mas preparação exclusivamente para as atividades domésticas. Portanto, o modelo educacional refletia a tradição judaico-cristã, reprimia as mulheres e silenciava o seu papel na sociedade e na história.

Não podemos deixar de lado o impacto que teve a tradição judaico-cristã na sociedade. Papeis sociais foram estabelecidos e reforçados durante séculos de influência da Igreja. Com o passar dos anos e, conseqüentemente a perda de influência da Igreja, a mulher por meio de uma série mudanças sociais conseguiu adentrar ao mercado de trabalho.

A tradição judaico-cristã foi sempre marcada por uma nítida ordenação que incluía uma clara divisão entre o que era atribuído ao homem e à mulher. Hoje, temos uma situação atípica em relação às conquistas femininas: a mulher adentrou no mercado de trabalho, mas ainda está presa a antiga divisão social de papéis, acumulando funções e multiplicando-se para corresponder às exigências de uma sociedade em constante transformação. (BARBOSA, 2007, p.17).

Porém, essa tradição tão fortemente arraigada e difundida acompanhou a mulher até mesmo no mercado de trabalho. Em consequência disso, quando se fala sobre a Mulher é comum vermos adjetivos como: carinhosa, cuidadosa, zelosa, bela, inteligente e etc., como se fossem única e exclusivamente das mulheres.

Fazendo um recuo histórico, vemos que até a chegada da mulher ao mercado de trabalho muitas transformações político-sociais aconteceram. Dentro disso, destacamos o papel exercido na educação das mulheres.

No século XIX, por exemplo, a educação das mulheres visava atender à maternidade. Ou seja, a mulher “valia” mais quanto mais instruída fosse porque educaria melhor os/as filhos/as.

No século XIX, a sociedade tomou consciência da importância do papel materno na educação infantil, e a formação da mulher passou a ser considerada fundamental para o aperfeiçoamento físico e moral das futuras gerações do País. A importância da educação tornou-se um assunto constante não só nos jornais, mas também em outros meios, sendo vista como indispensável para o aprimoramento social. A partir desse momento, as mulheres assumiram a educação das crianças em casa e, logo depois, nas salas de aula. (ROCHA, 2009, p.53).

O dote, uma determinada quantia em dinheiro, foi aos poucos sendo substituído pela educação bem esmerada da mulher. Não bastava mais a mulher ser somente dona de casa e apta ao matrimônio. Era preciso que ela fosse instruída, pois dotadas de “razão” poderiam criar melhor os filhos.

A educação feminina veio para dar-lhes um pouco mais de “racionalidade” e assim elas poderiam melhor criar os filhos. Além disso, o fato de serem bem-educadas atribuía

forte valor à mulher e assim podiam melhor competir com os bens materiais. Deste modo, a mulher bem-educada não era mais necessário o “dote”. O objetivo seria o matrimônio e o cuidado na instrução dos filhos.

Vimos acima um elemento fundamental para entender a dominação masculina sobre a feminina: razão. Durante séculos, as mulheres foram consideradas inferiores aos homens e a justificativa usada era porque as mulheres eram “irracionais”, constantemente levadas pela emoção, pelos sentimentos.

Contudo, quando falamos sobre a inserção da mulher no mercado de trabalho, é comum pensarmos que a mulher, de maneira geral, era confinada ao lar, ao espaço privado e que depois de um certo tempo ela conseguiu espaço fora do ambiente estritamente doméstico. Porém, pensando o papel da mulher enquanto força produtiva, Saffioti (2013) afirma que:

A mulher das camadas sociais diretamente ocupadas na produção de bens e serviços nunca foi alheia ao trabalho. Em todas as épocas e lugares tem ela contribuído para a subsistência de sua família e para criar a riqueza social. Nas economias pré-capitalistas especificamente no estágio imediatamente anterior à revolução agrícola e industrial, a mulher das camadas trabalhadoras era ativa: trabalhava nos campos e nas manufaturas, nas minas e nas lojas; nos mercados e nas oficinas, tecia e fiava, fermentava a cerveja e realizava outras tarefas domésticas. Enquanto a família existiu como uma unidade de produção, as mulheres e as crianças desempenharam um papel econômico fundamental. (61:62)

As mulheres das classes mais baixas circulavam entre mercados, feiras e ajudavam no sustento da família e participavam de atividades comerciais. Porém, de maneira geral, o casamento era visto como uma felicidade pessoal pelo qual a mulher obtinha posição social e estabilidade econômica, embora permanecesse dependente do marido.

Foucault (2012), nas suas reflexões a respeito da relação e constituição do poder em si, rompe com a dicotomia explorador *versus* explorado. Contudo, apesar da dificuldade em afirmar o que é, de fato, o poder porque temos ignorado, Foucault vai adiante na sua reflexão sobre o poder e acrescenta:

Existe atualmente um grande desconhecido: quem exerce o poder? Onde o exerce? [...] Onde há poder, ele se exerce. Ninguém é, propriamente falando, seu titular; e, no entanto, ele sempre se exerce em determinada direção, com uns de um lado e outros do outro; não se sabe ao certo quem o detém; mas se sabe quem não o possui. (FOUCAULT, 2012, p. 138)

Colocando todas essas questões para pensarmos o papel da mulher na sociedade, é notório que o casamento, vinculado à instituição religiosa e reconhecido socialmente, atribuída outro *status* a mulher. Por isso, não podemos concebê-la fadada ao sofrimento quando casada.

1.4 Mulher moderna e o discurso da feminilidade

O discurso construído em torno da mulher considerada “ideal” circula, mascara-se, reforça-se e ainda persiste nos dias atuais. O conceito de feminilidade construído e reforçado durante séculos afirma que a mulher deveria:

Ao conquistarmos novos direitos, surgiram maiores responsabilidades que nos cobraram um comportamento mais ativo, audacioso e corajoso diante da vida. Esse comportamento, necessário para a sobrevivência da mulher moderna, confronta-se com o conceito de feminilidade que aprendemos e interiorizamos durante séculos de patriarcado. De acordo com esse regime social, a mulher deveria corresponder, incondicionalmente, às expectativas masculinas e em troca receber proteção e sustento. Portanto, a mulher ideal deveria ser dócil e frágil para pertencer a um homem. (ROCHA, 2009, p.17)

A mulher foi sendo condicionada por um “ideal” de fraqueza, passividade, docilidade, que necessitava da proteção do homem. Primeiramente do pai, depois do irmão e, por último, do marido.

A partir daí, entra um outro elemento nessa relação, porque ao lado de uma mulher passiva e submissa, deveria haver um homem forte, poderoso, “ másculo”, considerado viril. Exemplo disso, são os contos de fadas nos quais há normalmente uma princesa e um príncipe. A princesa é frágil e sempre está à procura de alguém que possa cuidá-la, protegê-la, e eis que o príncipe aparece forte, imponente, poderoso e a salva dos perigos que a rondam. Temos então, o reforço da dominação masculina mascarada de proteção sobre a mulher.

Em meados do século XX, a virilidade já vinha sofrendo abalos devidos as mudanças que o mundo vinha passando e também com os avanços do feminismo que colocava em questão a dominação masculina.

O ideal de “macho dominador” que tinha a mulher sob seu controle passou a ser questionado. O homem, chefe de família, que detinha o controle, o poder econômico

não somente sobre a mulher, como também sobre toda a família e aqueles que estavam sob seu teto, foi sendo fragilizado.

Scott (2013) pensando na etimologia da palavra “família” afirma que ela deriva de “famulus”. Originalmente, essa palavra designava um conjunto de escravos ou servidores que pertenciam ao *pater familias*. Esse *pater familias* detinha o poder de vida e de morte sobre todos aqueles que estavam sob sua autoridade: filhos, agregados, escravos e, principalmente, a mulher.

O conceito de família foi mudando a medida em que a sociedade se modernizava e, em virtude disso, alterava-se o posicionamento da mulher na família e na sociedade. Nessa “nova família” era preciso uma “nova mulher”, aquela cuidava dos filhos, não mais cabendo às amas de leite, e a educação e formação moral dos filhos.

Essa “nova mulher” seria também a esposa afetiva, ainda submissa ao marido, mas não mais completamente sem voz. Desobrigada agora de qualquer trabalho “produtivo”, a mulher estaria voltada inteiramente aos afazeres do lar o espaço feminino por excelência, ao passo que o espaço público seria o domínio dos homens. O homem, por sua vez, deveria ser o único provedor da família. É comum referir-se a essa nova concepção de família como inerente à “família conjugal moderna”. Ao contrário do que poderíamos supor, esse novo modelo de família, que transformara a mulher na “rainha do lar”, manteve a mesma hierarquia com relação aos papéis masculinos e femininos, com o homem à cabeça da casa e da família e a mulher como subalterna e dependente. (SCOTT, 2013, p.17)

Um dado interessante que revela o impacto que teve essa ideia de uma “nova mulher” é provado pelo recenseamento geral ocorrido no Brasil em 1872 que constata a presença maciça de mulheres nas fábricas, chegando a cerca de 76%. Poucos anos depois, por volta dos anos de 1950 essa presença não chegava a 20%.

O estímulo para a permanência da mulher operária no lar ia ao encontro da aspiração dos dirigentes que procuravam enquadrar grupos considerados potencialmente “perigosos e de valores morais e familiares fracos”. O papel das mulheres/mães das famílias das classes populares seria, então, aquele de formar o “trabalhador ideal” que já sairia de casa com hábitos de rotina doméstica, ciente de suas responsabilidades, sem vícios, adaptado à disciplina do trabalho. Enfim, cabia à mulher manter a família “higienizada” que se pretendia se pretendia, afinal eram elas, as mães, as responsáveis pela formação de uma descendência saudável, cuidando e vigiando o comportamento e as escolhas de seus filhos e filhas. (SCOTT, 2013, p.18)

As mulheres das classes populares, apesar das transformações sociais, conciliavam suas atividades nas fábricas com as ocupações domésticas com o objetivo de garantir condições mínimas para o sustento da família.

Cabe destacar que muitos desses direitos conquistados pelas mulheres não fazem parte de um passado tão remoto. A sociedade passou por fortes transformações institucionais e sociais. Até a década de 1960, por exemplo, era comum a mulher ser preparada para o casamento e, em seguida, para ser mãe. A instituição familiar girava em torno disso. A mulher era mais bem vista socialmente quando abdicava da sua carreira para ser mãe.

No entanto, foi dos anos de 1960 para os 1970 que algumas mudanças no papel da mulher se evidenciaram. Somaram-se a isso, o aumento da participação da mulher no mercado de trabalho, maior reconhecimento profissional, disponibilização de métodos contraceptivos e a “instituição” do divórcio por meio de uma lei em dezembro de 1977.

Os anos de 1980 é considerado como a “reinvenção da mulher”, principalmente no que diz respeito a participação feminina no mercado de trabalho. Às mulheres não cabiam mais somente o matrimônio e a maternidade, era necessário ter uma profissão, obter seu próprio sustento e que lhe dessem uma posição igualitária em relação ao marido dentro do casamento.

Contudo, foi somente com a Constituição de 1988, que os princípios da isonomia entre homens e mulheres tomou escopo jurídico e garantiu várias conquistas importantes que há muito tempo as mulheres estavam lutando.

Todo esse processo beneficiou não somente as mulheres, mas alterou significativamente a sociedade. O homem não era mais o “todo poderoso” dentro do lar. Os filhos agora podiam expressar suas opiniões e seus desejos. As filhas passaram a participar das mesmas brincadeiras dos meninos.

Aos poucos o modelo de família tradicional foi se modificando e a educação dos filhos também. Outros modelos de família foram surgindo e a educação dos filhos não cabia mais única e exclusivamente à mulher.

Portanto, chegamos ao século XX com as fortes agitações pelas quais a Europa e o mundo passamos, protestos explodiam a todo momento pelas mais diversas causas. Uma delas foi entorno das mulheres, em meados dos anos 60. Cansadas de serem silenciadas, vítimas de diferentes formas de violência, as mulheres foram discutindo o que estava acontecendo em seus lares.

Quando abordamos o tema mulher operária, por exemplo, o assunto por si só já se torna bastante complexo. Primeiro, porque a mulher foi condicionada durante séculos a um papel secundário, subalterno em relação ao homem devido ao sistema patriarcal. E, por último, o fato de ser operária, ela ainda é marcada pela exploração em que se configura o sistema capitalista.

Segundo Barbosa (2007, p.11) “Ser mulher operária, no Polo Industrial de Manaus, é antes de tudo um desafio. Primeiro, por ser mulher, condicionada culturalmente pela opressão. Segundo, por ser operária, categoria marcada pela exploração.”

Devido ao silenciamento tão fortemente arraigado na sociedade, a mulher operária é frequentemente silenciada. Um silêncio que por si só significa, produz efeitos de sentido, demarcando o político aí presente.

As mulheres aparecem apenas como categoria de mão-de-obra ou força de trabalho, muito raramente como atores sociais principais. É óbvio que esse silêncio é a emanção da ideologia dominante. Mas não é apenas isso. Para torná-las menos invisíveis se fez necessário o registro de suas histórias de vida, lutas, conquistas e anseios sociais numa articulação produção/reprodução. (BARBOSA, 2007, p.11).

Isso raramente se observa nos jornais quando se trata do Dia Internacional da Mulher, por exemplo. A mulher operária normalmente é vista pelo prisma estatístico. Pouco se sabe sobre a sua história, sua rotina e, muitas vezes, a dupla jornada de trabalho que carrega consigo. Além disso, as condições impostas diariamente à essa mulher.

Pesquisas realizadas em várias regiões do mundo constataam a crescente inserção da mulher no mercado de trabalho, ocupando funções que, há algumas décadas, eram de domínio exclusivo do sexo masculino. Nelas, percentuais são transformados em gráficos generosos que sugerem uma ascensão espetacular da mão-de-obra feminina. Vista pela ótica dos números, esta é uma realidade: a mulher ascendeu, rompeu a corrente e se faz presente nesse universo mercadológico. Como se inscreve, a sua presença é a outra face, não exposta, dessa realidade. (VIEIRA, 2002, p. 13)

Superando esse verniz estatístico, à mulher operária ainda são impostos afazeres do lar, serviços domésticos, conforme podemos constatar em Barbosa (2007, p. 12)

[...] as vias de modificação e recreação, muitas vezes são entravadas pela visão simplista da sociedade, cujos sistemas de valores remetem, pois, a um universo sequenciado binário (ideologia do dom, crença em uma ordem natural das coisas) abre perspectiva a todas as resignações sociais (fatalismo operário) e a reprodução de todas as opressões (sexismo, racismo, adesão a atos punitivos discriminatórios etc.)

Pensando o discurso como prática social, temos relação de dominação ainda presente em torno da mulher e, mais especificamente, da mulher operária. É comum a afirmação de conceito de feminilidade, no qual supostamente são atribuídas características como femininas. Ou seja, o cuidado, zelo, atenção, beleza e etc., todos esses elementos reforçam esse “conceito de feminilidade” da mulher moderna que, apesar de estar no mercado de trabalho, ainda é imposto a ela características do lar.

Esse discurso, esse “conceito de feminilidade” criado e imposto à mulher, faz parte de um processo histórico no qual as relações entre os gêneros se estabeleceram e se distanciaram e se fortaleceram durante séculos. A respeito disso, Barbosa (2007) aponta que:

A estrutura biológica (hormonal) da mulher a predispõe a tarefas ligadas à produção, conservação e desenvolvimento da vida. Esta diferença levou, no âmbito sociocultural, a outras formas de diferenciação, compartimentalizando o feminino, favorecendo a construção de relações de gênero altamente conflitivas e desumanizadoras, principalmente para a mulher. (p.14)

Além disso, quando pensamos a condição dessa mulher operária, não podemos deixar de fora as opressões advindas desse espaço. Em muitos casos, a mulher ganha menos que homens, as vezes exercendo as mesmas funções.

Vieira (2002) afirma que antes da implantação da Zona Franca de Manaus, haviam outras atividades que já usavam a mão-de-obra feminina. Muitas chegavam ainda adolescentes para ocupar vagas nas fábricas de tecelagem de juta em Manaus, como a Brasiljuta e Fitejuta.

Apesar da presença massiva de mulheres nessas fábricas, os cargos de comando pertenciam aos homens. O poder sexista se manteve e as tecelãs, apesar dos espaços nas fábricas, não tinham acesso a cargos de comando. Pensando nessa relação de opressão e exploração existentes nas fábricas, Barbosa afirma que:

[...] tal relação se exerce numa esfera determinada e reafirmamos o fato de que as relações de classe e entre os sexos organizam a totalidade das práticas sociais, qualquer que seja a esfera onde elas se exerçam, ou seja: não é apenas na fábrica que se exerce pressão, que se sofre, que se combate ou que se aceita a opressão ou a exploração. (2007, p.12)

A implantação do modelo Zona Franca de Manaus causou impactos na região e provocou migração em massa do campo para cidade. De forma abrupta, inúmeras pessoas do interior e de outros Estados chegavam à capital em busca de melhores oportunidades.

Com novas demandas, o modelo Zona Franca passou por crises e sucessivos movimentos grevistas. Chegou ao ápice da crise ainda nos anos 90 durante o Governo Collor, na qual houve redução de mão de obra, desemprego em massa e fechamento de diversas fábricas.

O modelo Zona Franca de Manaus foi uma política pública adotada durante o regime militar nos anos 60, e tinha como objetivo desenvolver a região ocidental da Amazônia, cujo índices demográficos e econômicos eram baixos. O Polo Industrial de Manaus abrange essa política pública.

Segundo Barbosa (2007) as operárias do Polo Industrial de Manaus são filhas dos povos da floresta: seringueiros, colonos, índios e ribeirinhos; que migravam para Manaus em busca de melhores condições de vida.

Inicialmente, desenvolviam atividades domésticas na casa das pessoas que as recebiam. Em seguida, organizavam os documentos para concorrer a uma vaga no Polo Industrial de Manaus, visto como uma possibilidade de mudar de vida. E, por fim, se deparavam com forte sexismo que ditava as “habilidades femininas” para algumas funções, e exploração porque o manuseio de inúmeras peças passava para elas porque eram entediadas para os homens.

Quando pensamos a constituição dos espaços dos homens e das mulheres, vemos dois espaços: público e o privado. O privado sempre foi destinado à mulher e o público, ao homem. Porém, quando a mulher consegue romper com esse espaço estritamente privado, chegando ao público, vemos o quão problemático é esse espaço para a mulher que durante séculos foi confinada aos exercícios domésticos.

Esse percurso histórico que fizemos é fundamental para a compreensão da análise que desenvolveremos no próximo capítulo. Os sentidos são histórico-sociais e a história e a correlação de forças postas no tecido da relação social são importantes para que compreendamos as condições de produção do sentido de determinado recorte. Vamos à análise.

2 Segundo tempo: a AD e a análise como recorte do real

As fronteiras da minha linguagem são
as fronteiras do meu universo.

L. Wittgeistein

Para a compreensão da análise, compreendamos primeiro o que é a Análise de Discurso (AD) e a que ela se propõe.

A Análise de Discurso surgiu na França, no fim da década de 1960, mais especificamente em 1968, com o objetivo de analisar discursos políticos.

Também chamada de AD francesa ou materialista, foi organizada por Michel Pêcheux, filósofo de formação, que articulou conceitos de língua, ideologia e sujeito. Não podemos esquecer também das contribuições de Jean Dubois (linguista) para esse processo de fundação da Análise de Discurso.

2.1 Contexto de surgimento da AD

Quando a AD surgiu na França em meados dos anos 60, o país vivia fortes turbulências no cenário político. O sonho comunista estava se esvaindo com a antiga URSS devido a máquina estatal cada vez mais burocrática. Além disso, havia forte questionamento a respeito do papel na esquerda naquele período.

Esta se constitui na conjuntura política dos anos de 1960, em que já apontam acontecimentos que vão eclodir em maio de 68: a crítica à ideologia operária, ao modo como a URSS conduz com mão forte a burocracia do Estado, desfazendo o sonho da internacional comunista. O Partido Comunista francês, assim como a esquerda, é questionado e se questiona. Multiplicam-se as divisões da esquerda. Os sentidos explodem para todo lado. Confrontam-se a língua e a ideologia. A crise da esquerda impulsiona o questionamento que dá sustentação à produção da análise do discurso sustentada por M. Pêcheux e seu grupo, sem esquecer o cisma interno que coloca do outro lado Guespin, Marcellesi e seus colegas. (ORLANDI, 2012, p. 14)

Enquanto a França e a Europa, de maneira geral, sofriam os efeitos da crise da esquerda, da política na antiga URSS, o Brasil vivia sob fortes pressões do regime militar. Diferentemente do que ocorria na Europa, onde as esquerdas se digladiavam e prevalecia o estado de direito, no Brasil as esquerdas tinham seu projeto político voltado contra a ditadura que havia sido imposta.

Com o golpe de 1964, muitos artistas, intelectuais se exilaram nos Estados Unidos e Europa. As universidades eram proibidas de exercer suas atividades livremente, liberdades individuais eram duramente cerceadas. Em 1968, a crise se agravou e a ditadura apertou ainda mais com o Ato Institucional n. 5 (AI5) que impunha censura aos meios de comunicação.

Ainda nos anos 1960, o Brasil tinha influências da linguística norte-americana e europeia. Os Estados Unidos influenciavam por meio dos trabalhos de Noam Chomsky no formalismo, enquanto a linguística europeia a tendência funcionalista.

Todavia, a linguística americana dominava o cenário acadêmico brasileiro devido a sua influência política e teórica dos Estados Unidos na América Latina. As tendências formalista e funcionalista foram se instalando pelo país, embora a primeira fosse mais forte e a linguística norte-americana tivesse mais influência no Brasil.

No Brasil, ser estruturalista nos anos 60/70 era resistir à irracionalidade da ditadura. Ao invés de dar como dada, portanto, uma (história da) ciência com seus conteúdos já pressupostos, somos críticos ao conteudismo, e preferimos pensar essa história discursivamente, e, então, não é seu conteúdo mas seu funcionamento que nos interessa. (ORLANDI, 2012, p. 20)

Porém, em meio as fortes turbulências políticas pelas quais o país passava naquele período, foi o estruturalismo quem teve o maior destaque no âmbito teórico da época. Ser estruturalista, portanto, era combater o sistema e a estrutura sociopolítica da época que havia sido imposta.

A institucionalização da AD no Brasil ocorreu sob fortes críticas porque acreditava-se que, por ela trabalhar com outros aspectos e não somente o linguístico, o seu lugar seria o das Ciências Sociais.

Trabalhar com uma teoria não subjetiva do sujeito, com uma concepção de língua não fechada em si mesma, com uma inscrição na história e sujeita a falhas, possibilitando que os sentidos sejam outros afetados pela relação do inconsciente com a ideologia, era algo muito novo em meio aos estudos linguísticos. A Análise de Discurso surgiu com uma nova tendência nos estudos linguísticos nos fins dos anos 1960.

A Análise de Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso,

de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando. (ORLANDI, 2010, p. 15)

A Análise de Discurso se constituiu no campo da linguística, mas desde o seu início, colocava-se como disciplina de entremeio e sua influência alcançou outros campos como as ciências humanas e sociais, que também se interessavam pela linguagem.

Como disciplina de entremeio, a AD está constantemente questionando seus pressupostos, suas bases. Em consequência disso, a construção de seu método de compreensão dos objetos de linguagem como fato, não como algo dado, tem sua origem ligada ao político.

Portanto, a textualização do político, a materialização da ideologia na articulação com a linguagem para formar o discurso são questões que interessam a Análise de Discurso.

O surgimento da AD e o modo de encarar a linguagem e a interpretação, atingiu não somente a linguística, mas qualquer teoria que tenha como objetivo o estudo da linguagem.

A necessidade de ruptura com a análise de conteúdo, que observava aquilo que o texto queria dizer, fez com que a AD entendesse a linguagem como algo não transparente. O importante não era mais o que o texto queria dizer, mas como ele significa e produz efeitos de sentido.

Uma vez compreendido como estes textos funcionam produzindo sentidos, eles interpretam não os textos mas os resultados da análise que os leva a essa compreensão, e poderão assim, retornar para as suas disciplinas, explorando as teorias que os concernem em suas especificidades, com uma maior compreensão do funcionamento da linguagem e dos efeitos da interpretação. (ORLANDI, 2012, p. 23)

Assim com a AD, outras áreas como a Pragmática, Teoria da Enunciação e Análise Textual também trabalham com a exterioridade na linguagem. Porém, a maneira como cada uma encara isso é bastante diverso. Na Análise de Discurso, por exemplo, a exterioridade ocorre na relação da língua com a sociedade, no qual o fato discursivo relaciona o linguístico e o ideológico.

Segundo Orlandi (2008), a Análise de Discurso, ao tratar do político na linguagem, finda em outra percepção a respeito do que se entende como político.

Relaciona-se a materialidade da linguagem com a materialidade linguística e histórica, deslocando assim, o que compreende como “linguístico”, “histórico” e “político”.

2.2 Linguagem

Não podemos nos esquecer que a AD teve fortes influências das Ciências Sociais, mas a maneira como trabalha a linguagem e as formações sociais é o que vai se diferenciar. Além disso, diferentemente do que ocorre nas Ciências Sociais, a AD compreende a linguagem pela opacidade e onde laços são estabelecidos, mantidos ou quebrados e lugar privilegiado para a manifestação da ideologia.

A linguagem enquanto discurso não constitui um universo de signos que serve apenas como instrumento de comunicação ou suporte de pensamento; a linguagem enquanto discurso é interação, e um modo de produção social; ela não é neutra, inocente e nem natural, por isso o lugar privilegiado de manifestação da ideologia. (BRANDÃO, 2004, p. 11)

Além disso, a linguagem em Análise de Discurso é fundamental porque ela mediará a relação do homem com o meio social e natural. Essa mediação ocorre por meio do discurso que torna possível a continuidade, permanência, deslocamento ou transformação da realidade em que vive o sujeito.

A linguagem em AD é lugar de interação e de ação social, mas também é lugar de conflito, de disputa ideológica. Quando estudamos linguagem, não podemos estudar somente os aspectos linguísticos, é necessário levar em consideração aquilo que a linguagem tem de exterior a ela e também afetará no seu processo de significação.

[...] na perspectiva discursiva, a linguagem não é vista apenas como instrumento de comunicação, de transmissão de informação ou como suporte do pensamento; a linguagem é interação, um modo de ação social. Nesse sentido, é lugar de conflito, de confronto ideológico em que a significação se apresenta em toda a sua complexidade. Estudar a linguagem é abarcá-la nessa complexidade, é apreender o seu funcionamento que envolve não só mecanismos linguísticos, mas também “extralinguísticos”. [grifos da autora] (BRANDÃO, 2004, 108:109)

Um outro ponto que merece destaque, e que devemos levar em consideração, é a história. Entendida aqui não como uma sucessão de fatos em termos cronológicos, mas como aponta Orlandi (2008) como produção de sentidos. Os discursos estabelecem uma história, articulando o linguístico e o ideológico.

Na passagem do século XX para o XXI o mundo já havia se transformado drasticamente. A guerra fria havia acabado, o muro de Berlim caído e a antiga URSS se dissolvido. Não havia mais o comunismo versus capitalismo, o que já havia e se fortaleceu após todas essas mudanças foi o discurso (neo) liberal.

Em meio a tudo isso, a AD não poderia escapar ilesa e foi afetada por aquilo que se acreditava ser AD, sua teoria e seu método.

Nesse início do século XXI, para uma determinada formação discursiva, a que eu chamaria dos emergentes, a análise de discurso generalizou-se. Este é o efeito do discurso liberal da ciência, o da mundialização e do consenso. Ao colocar-se nessa perspectiva em que tudo é análise de discurso, dilui-se, fragmenta-se tanto o objeto como a teoria e o método. Diluem-se e indistinguem-se sua teoria, seu método e seu objeto em suas especificidades. Nesse sentido, enfraquece-se a análise de discurso, a sua noção de sujeito, de ideologia, de língua sujeita a falhas, de diferentes formas materiais significantes. (ORLANDI, 2012, p.27)

Orlandi (2012) evidencia também o esvaziamento de aspectos considerados primordiais, como: a inscrição da falha da língua na história, o fim do político e a morte da ideologia devido a substituição por outros termos (cultura ou mentalidade).

Outro ponto que o analista de discurso deve atentar é quanto à linha e os “clássicos”, aqueles teóricos que, como Michel Pêcheux, ajudaram a dar os contornos iniciais à AD.

Os trabalhos do filósofo Michel Pêcheux causaram grande impacto na linguística, mas também nas ciências humanas e sociais na segunda metade do século XX. Pêcheux deslocou o campo de observação da linguística para algo que, até então, não havia sendo pensado que era a relação linguagem e política. Ele trouxe o questionamento do sentido, do sujeito, do político para pensar a língua.

É importante destacar que Michel Pêcheux não era formalista e nem funcionalista: era materialista. Comprometido teoricamente com o movimento de ideias a respeito do sujeito, da ideologia e da língua, ele se afasta da metafísica e do positivismo para pôr questão o materialismo.

Nessa perspectiva discursiva, a materialidade é o que permite observar a relação do real com o imaginário, ou seja, a ideologia, que funciona pelo inconsciente: a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua. (ORLANDI, 2012, p. 72)

Elucidando um pouco mais a respeito do materialismo, destacamos: o histórico e o dialético. O primeiro afirma que as mudanças sociais têm suas bases em fatores econômicos; enquanto o dialético, é algo mais amplo e compreende o primeiro.

O materialismo dialético acredita que as mudanças fazem parte de um processo, são graduais e não compreende o universo como algo pronto, acabado, conforme evidencia Orlandi (2012, p.73)

[...] ao materialismo dialético, que tem como ideia que o mundo não pode ser considerado como um complexo de *coisas acabadas* mas de um *processo* onde as coisas e o reflexo delas na consciência (os conceitos), como pensa o marxismo, estão em incessante movimento gerado por mudanças qualitativas, nos reconhecemos no campo de análise de discurso que tem como base o materialismo. E é nesse sentido que significa matéria e é nesta direção que é formulada a noção de forma material. [grifos da autora]

A forma material da qual fala Orlandi, não é abstrata, nem concreta, nem empírica. É a materialidade pensando o real da língua com o real da história, levando em consideração as condições de produção.

[...] na teoria materialista do discurso, a ideologia não aparece como ocultação, nem tem um sentido, digamos negativo, pois a ideologia, nesta perspectiva, não é uma pura falsa consciência [...], uma pura alteridade, mas o indício de um problema real. (ORLANDI, 2012, p.75)

É preciso que entendamos que a concepção de linguagem é fortemente influenciada por Bakhtin, principalmente quando ele afirma que o signo é ideológico e que é por meio da linguagem que a ideologia se manifesta, que o dito e o não dito se apresentam.

Como elemento de mediação necessária entre o homem e sua realidade e como forma de engajá-lo na própria realidade, a linguagem é lugar de conflito, de confronto ideológico, não podendo ser estudada fora da sociedade, uma vez que os processos que a constituem são histórico-sociais. Seu estudo não pode estar desvinculado de suas condições de produção. (BRANDÃO, 2004, p. 11)

Os estudos linguísticos então foram sacudidos por questões subjetivas e sociais, ou seja, estudar somente o aspecto interno da língua sem relacioná-la com aquilo que lhe é exterior era insuficiente. Era necessário romper com a problemática da oposição língua/fala, para entender a linguagem na relação língua e ideologia, como algo opaco.

Mikhail Bakhtin deu importantes contribuições à Análise de Discurso e foi um dos principais teóricos a tecer críticas à Ferdinand de Saussure na dicotomia língua/fala, na qual o enfoque maior era dado à língua e não à fala.

Bakhtin considerava que se a linguística tivesse como objeto de estudo a língua, excluindo a fala, isso traria problemas para o estudo da linguagem. Era preciso relacionar

a língua com a exterioridade, com o social, com o ideológico e na relação que eles teriam com o linguístico.

Para Bakhtin, a palavra é o signo ideológico por excelência, pois, produto da interação social, ela se caracteriza pela plurivalência. Por isso é o lugar privilegiado para a manifestação da ideologia; retrata as diferentes formas de significar a realidade, segundo vozes e pontos de vista daqueles que a empregam. Dialógica por natureza, a palavra se transforma em arena de luta de vozes que, situadas em diferentes posições, querem ser ouvidas por outras vozes. (BRANDÃO, 2004, p. 9)

2.3 Ideologia

Outro conceito fundamental em AD é o termo “ideologia” e foi usada pela primeira vez por Destutt de Tracy em seu livro “Eléments d’Ideologie”, no início do século XIX, em 1801. Nesse período, a concepção de ideologia era bastante diferente do que conhecemos hoje.

Além de Destutt de Tracy, estavam entre os ideólogos: o médico Cabanis, De Gérando e Volney. O objetivo desses ideólogos era formar uma ciência que contemplasse a gênese das ideias, como elas tinham sido formadas. Eles se interessavam também em entender como se dava a relação do homem com o meio ambiente enquanto o organismo vivo.

Juntamente com o médico Cabanis, com De Gérando e Volney, Destutt de Tracy pretendia elaborar uma ciência da gênese das ideias, tratando-as como fenômenos naturais que exprimem a relação do corpo humano, enquanto organismo vivo, com o meio ambiente. Elabora uma teoria sobre as faculdades sensíveis, responsáveis pela formação de todas as nossas ideias: querer (vontade), julgar (razão), sentir (percepção) e recordar (memória). (CHAUI, 2012, p. 27)

O intuito desses ideólogos, portanto, era compreender como as ideias tinham sido formadas, como se dava a relação do homem com o meio natural e os impactos dessa relação nas nossas ideias.

Esse grupo de pensadores, também chamados de ideólogos franceses, fizeram várias críticas com relação as estruturas sociais da época. Eles eram antiteológico, antimetafísico e antimonárquico. Este último foi fortemente criticado, principalmente por De Tracy:

A monarquia era vista por ele como maquinação entre o poder político e o poder religioso, uma vez que se dizia que o rei recebia o poder diretamente de Deus (um poder espiritual absoluto e invisível) e por isso podia exigir obediência total dos súditos, tendo o poder de vida e morte sobre eles. (CHAUI, 2012, p. 28)

De Tracy acreditava que era necessário formar o indivíduo nas ciências físicas e químicas para desenvolver a capacidade de observar, decompor e recompor os fatos sem as vazias interpretações da metafísica.

O grupo fez várias críticas ao poder absoluto dos reis e a relação que os monarcas tinham com a instituição religiosa. Os ideólogos viam a educação a serviço da religião e da metafísica, algo inconcebível para formar um “bom espírito”. Era preciso formar uma nova moral e eliminar os dogmas. Vale ressaltar que, os ideólogos se consideravam realistas, antimetafísicos e materialistas.

Porém, a derrocada desses ideólogos começou quando decidiram apoiar Napoleão no golpe do 18 Brumário por acreditarem que Napoleão seria um liberal e daria prosseguimento aos ideais da Revolução Francesa. Napoleão chegou a nomear vários ideólogos para ocupar cargos de senadores ou tribunais.

Entretanto, logo Napoleão se mostrou um restaurador do Antigo Regime e os ideólogos, por se oporem a várias medidas adotadas por ele, principalmente com relação a segurança do Estado, são excluídos do Tribunato.

O sentido pejorativo dos termos “ideologia” e “ideólogos” veio de uma declaração de Napoleão, que, num discurso ao Conselho de Estado de 1812, declarou: “Todas as desgraças que afligem nossa bela França devem ser atribuídas à ideologia, essa tenebrosa metafísica que buscando com sutilezas as causas primeiras, quer fundar sobre as suas bases a legislação dos povos, em vez de adaptar as leis ao conhecimento do coração humano e às lições da história”. (CHAUI, 2012, p. 30)

O maior erro que os ideólogos cometeram foi assessorar Napoleão, porque ele acreditou que aqueles queriam ensiná-lo a governar. Napoleão, que governava a França naquele período, acusou-os de acreditarem em ideologia e praticarem metafísica, contra a qual tanto se lutava declaradamente.

Foi a partir desse momento, que o termo que tinha conotação positiva originalmente, tornou-se algo asperamente negativo. O impacto dessa declaração de Napoleão foi adiante, atingindo os ideólogos até na imagem que eles faziam de si mesmos.

Segundo Chauí (2012) a ideologia que inicialmente afirmava ser uma ciência natural da aquisição dos homens sobre as ideias do real, passa a ser um sistema de ideias concebidas para adulterar a relação com a realidade, com o real. Essa mudança na

concepção de ideologia avançou e se firmou como aquilo que hoje é entendido como inversão, deturpação.

Diferentes teóricos e pensadores reafirmaram essa concepção de ideologia. A concepção marxista, por exemplo, reafirma a concepção de ideologia enquanto distorção da realidade, como podemos notar em *A Ideologia Alemã*:

Se em toda a ideologia os homens e as suas relações aparecem invertidos como numa câmara obscura, é porque isto é o resultado do seu processo de vida histórico, da mesma maneira que a imagem invertida dos objetos que se forma na retina é o resultado do seu processo físico de vida. (MARX, 2002, p.26)

A ideologia apaga traços importantes da realidade, tornando-se fortemente opaca, fazendo com que o sujeito assuma posicionamentos gerados pela ideologia, embora nem perceba. Ela é parte constitutiva do sujeito, ela se apresenta como uma representação da realidade.

Chauí afirma (2012) que um dos entraves para a remoção da ideologia é a eterna separação feita entre o trabalho material e o intelectual. Ou seja, a ideologia se fortalece na separação entre trabalhadores e pensadores na medida em que aqueles “não pensam” ou “não sabem pensar”; e estes, pensadores, enquanto não trabalharem.

Um outro ponto que torna possível a ideologia é o fenômeno da alienação. O indivíduo precisa entender que não foi ele quem produziu as suas condições de existência, mas sim uma inversão nas ideias cotidianas que permitam a construção e manutenção da ideologia. Portanto, é preciso haver conhecimento real da história, uma teoria que aborde a prática imediata dos homens e o questionamento da vida com crítica.

É pilar de sustentação da ideologia também é a luta de classes. É por meio da luta de classes que a ideologia se mascara, fazendo com que os indivíduos acreditem que suas vidas são influenciadas por determinadas entidades, tais como: natureza, Deus, ciência, sociedade, Estado.

Invertendo o “real”, a ideologia faz com que os indivíduos acreditem que as ideias são autônomas (não dependem de ninguém) e representam realidades autônomas, ou seja, não foram produzidas por ninguém.

Contudo, a ideologia está na origem da divisão social em classes e também na luta de classes. A classe dominante explora política e economicamente os dominados lançando mão de instrumentos que garantam essa dominação. Temos nesse caso o Estado e a ideologia.

A classe dominante tem no Estado um meio de coerção e repressão social. Ao afirmar que o Estado é o Direito, regido por leis que regularão as relações sociais, temos um Estado que controlado pela classe dominante, vai “pacificar” essa dominação sem o uso da violência.

A partir daí o Estado ganha legitimidade. Apresenta-se como legal e justo, porém a ideia de Estado persiste. Ou seja, a exploração de uma classe por outra encarnada num interesse geral do Estado.

2.4 Discurso

Discurso é outro conceito fortemente trabalhado em AD e é entendido como uma soma entre língua e ideologia, e que fundamentarão o sentido e o sujeito. A concepção de discurso em AD é fortemente influenciada por Michel Foucault, importante filósofo francês do século XX, que acreditava que o discurso era uma prática social. Ou seja, ninguém nasce preconceituoso, racista ou qualquer outra coisa. Aprende-se por meio dessas práticas sociais a ser de uma determinada maneira e não de outra.

O discurso é um conceito fundamental em AD porque, segundo Orlandi:

O discurso é definido não como transmissor de informação, mas como efeito de sentidos entre locutores. Assim, se considera que o que se diz não resulta só da intenção de um indivíduo em informar um outro, mas da relação de sentidos estabelecida por eles num contexto social e histórico. (2013, p. 60)

Para entendermos a formulação dos discursos, é preciso que tenhamos em mente dois elementos importantes que desencadearão outros fatores: materialidade da língua e materialidade da história.

A partir dessa relação, materialidade da língua e materialidade da história, teremos o confronto do simbólico com o político que produzirá um corpo sujeito pertencente a um corpo social específico.

2.5 Sujeito

O sujeito para a Análise de Discurso é um sujeito ideológico, um sujeito assujeitado pelo inconsciente, pela ideologia e pelas condições sócios-históricas de produção. Não é um sujeito que pensa, autônomo, mas um sujeito que age porque é fruto de um processo histórico-social, pela ideologia e pelo inconsciente.

Uma reflexão a respeito do termo de “sujeito” em AD, é que no início dos trabalhos dele, o sujeito, tinha forte influência dos trabalhos de Lacan. Era uma concepção de sujeito bastante influenciada pela psicanálise.

Porém, conforme Mazière (2007) apesar de vários pontos de contato com a psicanálise, o sujeito do inconsciente nunca fora trabalhado verdadeiramente pela AD. O que houve em meados dos anos de 1970, era a tentativa de se afastar o *eu* psicológico.

[...] o sujeito da AD é um “lugar de sujeito” em uma abordagem dessubjetivada. De fato, ele não pode ser apreendido, a não ser no interior de cada uma das buscas do analista, em função de seu desígnio interpretativo e de sua posição quanto à língua. (MAZIÈRE, 2007, p.22)

O sentido e o sujeito em AD são encarados como não-transparentes, em movimento, como historicidade. Como movimento porque o sentido “erra” no vai e vem, na movimentação ele circula e se desorganiza. Por isso, a desordem faz parte da constituição do sujeito e do sentido.

2.6 Texto

Já a noção de texto em AD tem uma aceção um pouco mais abrangente do que comumente se observa. Ou seja, qualquer objeto simbólico que produza sentido é definido como texto. Letras, palavras, cores, desenhos, silêncio também fazem parte daquilo que a AD entende como texto.

Quando analisamos um texto em AD, temos que compreendê-lo para além das palavras e das frases. É preciso entender outros elementos que formam esse texto, por isso as cores, os desenhos e principalmente o silêncio. Este é bastante significativo em AD e não pode ser entendido como resto de linguagem, como outrora foi, mas sim como parte significativa do texto também.

Orlandi (2012), pensando a noção de texto, vai afirmar que:

A noção de texto, enquanto unidade de análise de discurso, requer que se ultrapasse a noção de informação, assim como coloca a necessidade de se ir além do nível segmental. O texto não é soma de frases e não é fechado em si mesmo. (p.28)

Pensando na relação discurso e texto na AD, Orlandi (2012) acrescenta a relação entre o objeto teórico e a análise, sendo o objeto teórico o discurso e a análise (empírica) o próprio texto.

2.7 Sentido

O sentido também é outro conceito bastante trabalhado em Análise do Discurso. Não há um lugar no qual podemos determinar o surgimento do sentido, porque a sua constituição pode mudar, deslocar e produzir novos efeitos no discurso. Logo, não é possível controlar o sentido, dizer que ele pertence ao domínio coletivo ou individual. O sentido pertence ao imaginário, por isso é político. Não há um sentido, algo unitário, mas sim, sentidos.

Devemos conceber o sentido em relação ao “dito” e o “não-dito”. O aparecimento de um enunciado num determinado momento produz sentido que poderia ser diferente em outros lugares, com outros sujeitos.

Para pensarmos a construção do significar, Orlandi (2005) descreve três momentos:

a. Seu apagamento por uma memória já estabelecida dos sentidos (o já-dito), b. a resistência ao apagamento e a consequente produção de outros sentidos; c. o retorno do “recalque” (ou seja, do que foi excluído pelo apagamento) sobre o mesmo, deslocando-o. esse é para nós um movimento regular que se produz no percurso que vai do sem =-sentido em direção ao sentido. (p.11)

É nesse espaço que entra a noção de discurso fundador, ou seja, o dizer aparece do sem-sentido, filia-se a uma rede de significações, rompe e instaura novos sentidos. Ele (re) significa o que veio antes e instaura uma nova memória.

Orlandi (2003) destaca que nesse processo de fundação em novas tradições de sentidos, o sentido anterior é desautorizado para que outros sentidos possam existir no lugar. Instala-se de uma nova filiação de sentidos e o surgimento de sua própria “memória”.

Na perspectiva da análise de discurso, como atesta Orlandi (2011), compreender a linguagem e o sentido envolvem dois processos: parafrástico e o polissêmico. No primeiro temos a linguagem como produtora (o mundo já é dado); enquanto o segundo, encara a linguagem como produto (a linguagem é dada). Esses processos de constituição partem de dois princípios: criatividade e a produtividade.

A paráfrase é considerada, na linguística, como a “matriz do sentido”. Segundo nossa perspectiva, a polissemia é a “fonte do sentido” uma vez que é a própria condição de existência da linguagem. Se o sentido não fosse múltiplo não haveria necessidade do dizer. Matriz ou fonte de sentido, o importante é que esses dois processos são igualmente atuantes, são igualmente determinantes para o funcionamento da linguagem. (ORLANDI, 2011, p.127)

A criatividade faz parte da reiteração de discursos já cristalizados pelas instituições. Nesse caso, a linguagem é produto, já dado, estabelecido. A produtividade surge quando, ao retornar a esses discursos já cristalizados, ocorre a ruptura, o deslocamento. Algo que poderia ser. Temos aí: polissemia.

Pensando, então, a Análise de Discurso da forma em que até aqui expusemos, partiremos para as análises propriamente ditas. Nossa empreitada de análise, portanto, considera a língua como prática social, a ideologia como a produção sócio-histórica dos sentidos, o discurso como a relação língua e ideologia e o sujeito de linguagem como um lugar de fala interpelado pelo discurso. Vamos às análises.

O primeiro jornal analisado é o *Jornal do Commercio*. Fundado em 2 de janeiro de 1904, esse jornal circula mais entre fábricas e indústrias. O grande público não possui acesso a ele e isso é interessante para marcar o lugar de significação desse jornal.

Jornal do Commercio

[Manaus, 5 a 9 de março de 2011]

Fundado em 2 de janeiro de 1904

www.jornalcom.com.br

Edição nº 40.766

Indústria do Amazonas retoma ritmo de expansão

Produção industrial avança 0,5% em janeiro de 2011

No confronto entre janeiro de 2011 e igual mês do ano passado, houve aumento na produção industrial na maioria dos 11 setores pesquisados. Na formação da taxa global de 0,6%, os principais impactos positivos vieram de outros equipamentos de transporte (17,7%), edição e impressão (10,2%), equipamentos de instrumentação, médico-hospitalares, ópticos e outros (8,9%) e produtos de metal (8,5%).

Faz o presidente da Fiemam, Antonio Silva, os números do setor neste começo de ano refletem o resultado satisfatório do fechamento no faturamento do FIM em 2010.

O dirigente demonstrou tranquilidade com a realidade do FIM para 2011 e otimismo com relação à consolidação das políticas públicas. "No segundo trimestre deveremos ter um crescimento, em função da consolidação das políticas econômicas da presidente Dilma", projeta.



Houve aumento na maioria dos 11 segmentos pesquisados pelo IBGE

Destaque veio dos setores óptico, de edição e impressão e de equipamentos de transporte

Por SANCER BELFERRA, ESPECIAL PARA O JUC

Página A7

Na matéria acima, temos dados, estatísticas e percentuais sobre o crescimento da indústria amazonense. Na imagem, uma operária. Ela não fala, não tem voz e ocupa um espaço que carrega características do espaço doméstico.

Muitas mulheres participam de espaços que exigem atenção, cuidado, zelo, manuseio de pequenas peças porque comumente se acredita que essas características são inatas ao gênero feminino.

As matérias apresentadas até o momento são do Jornal do Commercio, dos dias 6 a 9 de março de 2011.

Dia da mulher: 8 de março, data de lutas e conquistas para as mulheres

Dia Internacional da Mulher começou a ser comemorado em 1910 e foi oficializado pela ONU (Organização das Nações Unidas) em 1977, convertendo-se no símbolo de uma longa história de reivindicações como o direito ao voto, a legalização do aborto e, ainda hoje em dia, a igualdade trabalhista. Como muitas outras datas históricas, este dia se constitui de várias referências, mas a verdadeira origem é difícil de determinar.

No parágrafo acima, o autor da matéria, fala um pouco da história do dia internacional da mulher, as reivindicações, a conquista do direito ao voto, igualdade trabalhista e etc. Ele traz à tona a problematização sobre o Dia Internacional da mulher e o seu surgimento.

Palavras e expressões como “longa história de reivindicações”, “direito ao voto” e “igualdade trabalhista” nos remetem ao um outro conceito da Análise de Discurso que é a memória discursiva.

No trecho abaixo, temos o relato da empresária Rozilene Pereira que já foi operária e descreve como foi a sua transição para o empresariado.

Para Rozilene Pereira, amazonense, 28 anos, o Consulado da Mulher tem sido de fundamental importância para o seu desenvolvimento profissional. “Trabalhei em uma linha de montagem em uma empresa no Distrito Industrial, fiquei desempregada por um ano, conheci o Consulado da Mulher em 2007 e, com os cursos que fiz na área de salão de beleza, me sinto preparada para abrir o meu próprio salão”, festejou.

Analisando por meio de marcas textuais as expressões “trabalhei em uma linha de montagem”, “fiquei desempregada”, “fiz cursos na área de salão de beleza” e “me sinto preparada para abrir o meu próprio salão”, percebe-se a alteração de operária para empreendedora, que foi possibilitada pelo Instituto Consulado Mulher, conforme o trecho a seguir:

“É o caso do Instituto Consulado da Mulher, uma ação social da marca Cônsul que atua desde 2002 na assessoria de atividades empreendedoras para mulheres.”

É possível perceber o apagamento do discurso da operária aliado ao desemprego para dar lugar ao discurso da empreendedora e em funções tradicionalmente femininas. E isso, podemos notar no discurso de Rozilene Pereira quando afirma ter trabalhado em uma linha de montagem no distrito e depois ficou desempregada por um ano. O que ocorre é uma virada discursiva, uma mudança na posição-sujeito assumida.

A diretora executiva do Instituto, Leda Bogër, informou que a instituição atua diretamente na capacitação das mulheres para que elas desenvolvam ou aprimorem atividades que possam vir a gerar renda. O processo segundo a diretora, compreende várias etapas, que envolvem desde a orientação vocacional nos momentos iniciais na concepção do negócio, até na comercialização, gestão financeira, ambiental e de marketing. "O Consulado da Mulher utiliza metodologias próprias, baseadas em conceitos da economia solidária e da educação em gênero. O processo ocorre de duas formas: Programa Mulher Empreendedora, nas cidades onde o Consulado possui unidades, e o Programa Usinas do Trabalho, que beneficia organizações de todo o Brasil que também trabalham com incentivo à geração de renda entre mulheres", explicou.

Marcas textuais de suma importância para entendermos a construção do discurso em torno da empreendedora e apagamento da operária, são: "atividades que possam vir a gerar renda", "concepção de negócios", "gestão financeira", "Programa Mulher Empreendedora", "geração de renda entre mulheres". Percebe-se que nenhuma dessas marcas se referem à mulher operária, que no discurso da entrevistada Rozilene Pereira faz parte de um passado aliado ao desemprego, de insucesso.

Essas marcas corroboram o discurso que mulher de sucesso é a mulher empreendedora, aquela que está em atividades que geram lucros, renda. E os institutos e associações ajudam nesse processo.

"A instituição conta com parceiros como Sebrae e Senac, que contribuem para a capacitação técnica e organizacional de mulheres interessadas em atuar como empreendedoras."

Em outra parte do *Jornal do Commercio*, no caderno de Economia, dos dias 6 a 9 de março de 2011, temos outra matéria intitulada Amazonidades: Uma história e uma homenagem, de Ozório Fonseca:

A homenagem

Neste Dia Internacional da Mulher, eu resgato esta história em homenagem à minha mãe, uma mulher digna e guerreira que dedicou sua vida profissional ao magistério e sua vida pessoal à construção de uma família regida pela dignidade e honradez. Evidentemente, sua memória não foi sequer tocada por aquela injúria descabida, mas seu espírito iluminado deve estar assistindo o declínio vergonhoso da reputação profissional e pessoal de seu agressor.

E nesse contexto de confronto entre dignidade e falta de decoro, estendo minhas homenagens às mulheres que vivem neste Estado, muito

especialmente para aquelas que precisam de coragem infinita – ou como se diz na linguagem popular, de “**muito peito**” - para prover dignidade, lar, comida, educação, saúde e harmonia para suas famílias, dispondo apenas de um miserável salário mínimo, cujo valor foi aprovado, no Congresso Nacional, pela totalidade dos representantes do Estado do Amazonas.

É para essas “amazonas” guerreiras da era moderna que reproduzo o texto a seguir que copiei de um cartaz em uma vitrine de um Shopping em Fortaleza, alguns anos atrás, em um Dia Internacional da Mulher.

Existe mulher de **peito** e mulher sem **jeito**/Existe mulher **sofrida** e mulher bem **sucedida**/Existe mulher **lamento** e mulher de **talento**/Existe mulher **sem idade** e mulher **saudade**/Existe mulher de **anel** e mulher de **bordel**/Existe mulher **silicone** e mulher **clone**/Existe mulher **coragem** e de **primeira viagem**/Existe mulher **xerife** e mulher **patife**/Existe mulher **feira** e mulher **sexta-feira**/Existe mulher **raça** e mulher de **pirraça**/ Existe mulher de **garra** e mulher de **farra**/Não importa de que jeito, **para ser mulher é preciso peito**.

Na textualidade acima temos uma profusão de discurso, dois deles: o patriarcal e o religioso, embora esse último não apareça de modo tão evidente, mas se textualiza como pode. As marcas “dignidade” e “falta de decoro” revelam isso.

A construção do discurso de Ozório Fonseca, quando fala do cartaz de uma vitrine de um shopping em Fortaleza, deixa um pouco de lado o discurso religioso e assume um discurso patriarcal. Isso fica bem evidente pelas marcas utilizadas pelo cartaz citado por ele, mas que Ozório Fonseca demonstra concordar:

Dignidade	Falta de decoro
Mulher de peito	Mulher sem jeito
Mulher sofrida	Mulher bem-sucedida
Mulher lamento	Mulher de talento
Mulher sem idade	Mulher saudade
Mulher de anel	Mulher de bordel
Mulher de silicone	Mulher clone
Mulher coragem	Mulher de primeira viagem
Mulher xerife	Mulher patife
Mulher feira	Mulher sexta-feira
Mulher raça	Mulher de pirraça
Mulher de garra	Mulher de farra

A construção do discurso enunciado, quando fala do cartaz de uma vitrine de um shopping em Fortaleza, deixa um pouco de lado o discurso religioso e assume um discurso patriarcal. Isso fica bem evidente pelas marcas utilizadas pelo cartaz citado por ele, mas que o autor demonstra concordar.

O cartaz visto por Ozório Fonseca em um Shopping em Fortaleza foi inicialmente publicado em forma de poema intitulado “Mulheres” de autoria de Fernanda Brandalise. O poema circulou por outros espaços e foi usado para homenagear as mulheres no Dia Internacional.

E as marcas “amazonas guerreiras” e “para ser mulher é preciso peito”. Essas marcas são interessantes porque retomam a nossa memória discursiva a qual reside esse dizer, ou seja, o discurso entorno das amazonas. Mulheres guerreiras, que lutavam para defender seu território.

Percebe-se, portanto, no próprio discurso do autor e do cartaz por ele citado, a presença do discurso patriarcal que durante séculos reservou papéis claramente estabelecidos às mulheres. Ou seja, existe a mulher que fica em casa, aprendendo as atividades domésticas para servir ao marido e aos filhos; e há a mulher da “rua”, aquela que serve ao homem mas nas atividades sexuais, somente pra curtir e depois o homem volta para o seu lar, junto à esposa.

É um discurso que por si só carrega história e significa nas palavras de Ozório Fonseca, embora ele nem perceba. Outro ponto interessante, é que esse cartaz estava no shopping e não em outro lugar.

A seguir, temos duas imagens bastante interessantes do ponto de vista discursivo porque mostra homens e mulheres em espaços distintos e desempenhando atividades voltada para outros fins.

Amazonas

Produção industrial retoma ritmo e avança 0,8%

Dado de janeiro de 2011 aponta para recuperação do setor, que havia encolhido 0,4% em dezembro de 2010, conforme o IBGE

Por SANDRA BEZERRA,
ESPECIAL PARA O JOC

A produção industrial do Amazonas avançou 0,8% na comparação de janeiro de 2011 com dezembro de 2010, ao descontar as influências sazonais. No mês passado, o resultado do setor havia apontado para recuo de 0,4%, segundo dados fornecidos pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

No confronto entre janeiro de 2011 e igual mês do ano passado, houve aumento na produção industrial na maioria dos 11 setores pesquisados. Na formação da taxa global de 0,8%, os principais impactos positivos vieram de outros equipamentos de transporte (57,7%), edição e impressão (40,0%) e equipamentos de instrumentação médica-hospitalares, ópticos e outros (34,9%) e produtos de metal (21,5%).

Nestes setores, destaca-



poderemos ter um crescimento de 7% a 10%", anunciou.

Além do trabalho de incentivo aos investimentos das empresas, as entidades estão atentas às dificuldades, necessidades e interesses do PIM.

Em razão disso, também fazem o acompanhamento das políticas econômicas e dos fatores externos que

"No segundo trimestre, deveremos ter um crescimento em função da consolidação das políticas econômicas da presidente Dilma", avaliou Antonio Silva.

possam ameaçar o desenvolvimento do polo. "Estamos com grande risco de ter uma inflação descon-

Percebe-se nas reportagens apresentadas pelo jornal a ausência da fala do (a) operário (a). Encontramos dados percentuais, mas nada em relação ao espaço de fala desse operário (a), sobre o que pensa a respeito de todos esses dados e percentuais e a sua perspectiva de crescimento dentro da fábrica. Sobre essa questão, Vieira (2002, p.56) alerta que:

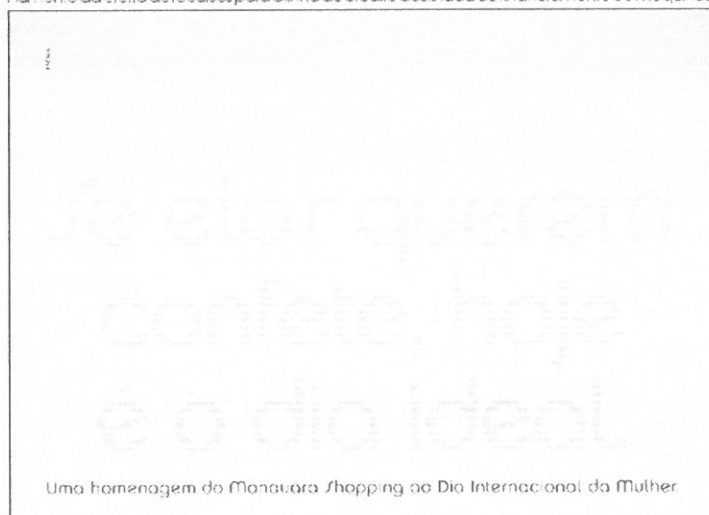
O apagamento da fala feminina no espaço sindical não acontece por occasionalidades, descuidos de um fazer jornalístico ou porque as companheiras que militam na organização não têm competência para "fazer frente", no mesmo nível político, aos seus companheiros de uma luta supostamente igual para elas e para eles. Aliás, a competência cobrada às metalúrgicas como sendo uma das condições para estar presente no discurso sindical, tem fortes contornos da masculinização, envolvendo rituais de gestos, da fala, da apreensão dos *slogans* (forjados no gênero masculino) e das vestes. [grifos da autora]

No caderno de Economia, temos uma reportagem sobre o BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento e Social) e ao lado uma homenagem do Manauara Shopping.

BNDES

Finame terá dotação suplementar de R\$ 1,1 bilhão

Aumento da oferta de recursos para a linha de crédito destinada ao financiamento de máquinas e equipamentos se deve à pressão da demanda



Uma homenagem do Manuara Shopping ao Dia Internacional da Mulher

A linha de crédito BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) Finame (Agência Especial de Financiamento Industrial), pela qual o banco de fomento financia a aquisição de máquinas e equipamentos com juros subsidiados, receberá uma dotação suplementar de R\$ 1,1 bilhão nos próximos meses de 2011, a fim de atender a demanda por recursos registrada no início de 2011, as respostas de fim de prazo das novas condições do PFI, Programa de Sustentação do Investimento. Os recursos virão de sobras das despesas de cursos, labor de PFI, como as de estrutura e exploração, em remanejamento autorizado pelo Tesouro Nacional.

Na semana passada, o BNDES havia suspendido o recebimento de pedidos de crédito pelo PFI depois que a perspectiva de prorrogar o programa em 2011 com regime de taxa de 15% da maioria das linhas provocou uma corrida dos agentes financeiros para garantir condições melhores.

No entanto, a o governo confirmou a prorrogação do PFI

lhes em crédito aprovado, dos quais R\$ 50 bilhões já foram liberados. O PFI foi criado em julho de 2009 e teve uma segunda fase criada em agosto de 2010 com a criação dos juros em um ponto percentual.

Devido, para frente, o banco estimava pedidos de financiamento sob as novas condições do PFI, suas operações poderão ser ampliadas a partir de 1º de abril. Para esse período, foi criada pelo BNDES de PFI 2, o banco disponibilizará os R\$ 1,1 bilhão em crédito, dos quais R\$ 55 bilhões virão de um novo empréstimo do Tesouro Nacional.

Com esse remanejamento, eliminamos o estresse causado pela procura elevada pela Finame para garantir as novas linhas e vamos conseguir um aumento tranquilo para o PFI 2, sem para os custos diretos o aumento de custos, variáveis ou fixos de capital, afirma Moraes em sua última conversa hoje na sede do banco.

Participação
redação
manaus.com.br

Nessa homenagem temos a seguinte frase: *“Se elas querem confete, hoje é o dia ideal”*. A palavra “confete” remete a ideia de festa, de algo carnavalesco. Contudo, cabe destacar que o carnaval surgiu como manifestação popular com um caráter fortemente político e que foi esvaziando seu sentido ao longo dos anos. O mesmo acontece com o Dia Internacional da Mulher e a homenagem traz isso à tona quando usa a palavra “confete”.

Em seguida, temos uma homenagem da Unimed que afirma: *Mulher é sempre assim...*



Essa propaganda retoma o ideal da mulher mãe quando utiliza os seguintes adjetivos: Linda, dedicada, acolhedora, atenciosa, materna, prestativa, romântica, protetora, sensível e carinhosa.

Percebe-se que, a mulher é vista pela ótica dos homens e se constitui em oposição àquilo que socialmente se acredita que o homem não seja, como: delicadeza, romântica, sensível. Portanto, esses adjetivos na homenagem da Unimed reforçam o ideal que mulher construída ao longo dos séculos e que inferioriza a mulher.

No jornal *A Crítica* de 2011, temos poucas reportagens a respeito do Dia Internacional da Mulher. Quando encontramos, é possível notar a comemoração desse dia com palestras, debates em escolas e universidades sobre o papel da mulher na sociedade de forma bastante vaga. Porém, o que encontramos em demasiado são homenagens de instituições comerciais.

Nesse dia inclusive, não vemos na capa do jornal nada que nos remeta ao Dia Internacional da Mulher. Temos a notícia da vitória da Escola de samba Morro da Liberdade como campeã do carnaval daquele ano, das toneladas de lixo retirada das ruas após a folia, das disputas das semifinais no futebol amazonense.

R\$ 1,50 • MANAUS • TERÇA-FEIRA • 4 DE ABRIL • 2011 • Ano LVII - Nº 1.141 • 48 páginas, caderno • CIRCULÁRIO 3 DE 4 páginas, 14 minutos • CRÍTICA.COM

acrítica

DE MILHÕES DAIÁDA
COM OPOVO

FUNDADA
LUIZ BERTO GALLOMILANO FILHO
DIRETOR: FÁBIO COSTA
REDAÇÃO: ARLANJO DA LINDA

Primeira noite
da Sagração
dos famosos,
mas muitas
surpresas.
PÁGINA 10

ESTANDARTE DO POVO CARNAVAL 2011

Reino tricampeã

Escola do Morro da Liberdade leva, pelo terceiro ano, o título do júri popular promovido pela RCC. Reino ficou 1,5 ponto à frente da segunda colocada. **MANAUS**

Antecipada
A apuração do resultado oficial acontece hoje, para que a vencedora tenha um dia a mais de festa. **MANAUS**

Grande espetáculo do São Paulo

CARCE PRIVADO **MANAUS**

Pai é preso por manter filho refém

Tema do Dia >
Trânsito e cozinha na vida após o mandato
Parlamentares do Amazonas que disputaram a reeleição em 2010 e perderam falam da retomada da rotina e dos planos de futuro. Tem ex-deputado que virou "cozinheiro" e ex-senador que agora é o "motorista da família". **MANAUS**

Marcos Berrini encaminha a reeleição a porão do HUGV

VIOLENCIA
Casal de idosos é baleado no Eldorado
Vizinhos de Heli e Valdeir Cavalcante ouviram seus tiros na manhã de ontem, vindos da casa dos idosos, que estão internados. Polícia investiga crime. **MANAUS**

CRAQUE VINÍCIUS E ELIEL PARA RETA FINAL
Reforços Nacional apresenta dois novos jogadores na briga para chegar às semifinais do Amazonense. **MANAUS**

MAIS NA WEB
Quarenta toneladas de lixo na folia.
www.acritica.com

Bem Viver >
Vivaldão ganha seu 'registro de morte'
Documentário de 20 minutos conta a história do "Goloso", do suco e da vida. **MANAUS**

Ainda na capa, em um dos assuntos em destaque, temos: *Tema do Dia: Trânsito e cozinha na vida após o mandato*. Em seguida: *Parlamentares do Amazonas que disputaram a reeleição em 2010 e perderam falam da retomada da rotina e dos planos de futuro. Tem ex-deputado que virou 'cozinheiro' e ex-senador é o 'motorista da família'*.

A matéria detalhada está no caderno “Tema do Dia” e tem como título: *A rotina dos ‘sem poder’*. São citados o ex-senador Artur Neto (PSDB), ex-senador Jefferson Praia (PDT), ex-deputada estadual Terezinha Ruiz (DEM), ex-deputado estadual Liberman Moreno (PHS) e por último, o ex-deputado federal Marcelo Serafim (PSB).

Como é possível perceber, o Dia Internacional da Mulher foi apagado para dar lugar a mudança de vida daqueles que não conseguiram se reeleger, por coincidência a maioria homens, agora chamados de “sem poder”.

Ao falar de Marcelo Serafim o jornal afirma: *Marcelo é farmacêutico e ‘cozinheiro de mão cheia’*. Em seguida, no corpo da matéria o jornal destaca que: *“Segundo Serafim, seu programa favorito é justamente cozinhar para a família”*.

Destacando dois itens “*seu programa favorito*” e “*cozinheiro de mão cheia*”, vemos o funcionamento da ideologia operando no discurso. A formação discursiva patriarcal tão em voga permite ao homem participar das atividades domésticas sem que isso ocasione um fardo porque tradicionalmente as atividades do lar são atribuições das mulheres. Ao homem, é um *hobby* e à mulher, obrigação.

Isso fica claro no primeiro item porque, apesar das outras atividades, a principal é cozinhar. Ele faz e é destaque porque é um “cozinheiro de mão cheia”. Se fosse uma mulher talvez não tivesse tanto destaque porque as filiações de sentidos inviabilizariam tal processo.

Sabemos que os discursos não são neutros porque os sujeitos também não o são. O discurso carrega consigo história, entendida aqui não como sucessão de fatos cronológicos, mas como rupturas, constituição de novos dizeres.

Em 2011, o jornal *A Crítica* deu ênfase ao carnaval, a vitória da Escola de Samba Reino Unido, aos impactos que seriam trazidos pela Copa, o aumento da tarifa da água.

Comparando esse ano de 2011 com os anos posteriores, fica claro que a mudança ocorreu em relação ao “Tema do Dia”. Em 2011, era referente aos parlamentares que perderam as eleições e, por isso, tiveram que voltar a exercer suas profissões ou cargos antes ocupados.

Sendo o Dia Internacional da Mulher, espera-se que o tema do Dia será sobre a Mulher. Porém, o que pode observar no jornal, é a maneira como os ex-parlamentares têm feito para se manter, estando afastados da política.

Abaixo temos uma homenagem da Ramsons que foi publicada no jornal A Crítica, em 2011, com o seguinte trecho: “A mulher conquistou o voto, o mercado, a política, a igualdade”.



Sabemos que o voto foi conquistado devido às inúmeras lutas travadas pelas mulheres. Porém, quando falamos em “mercado”, “política” e “igualdade”, vemos que a mulher ainda é minoria nesses espaços o que compromete seriamente a igualdade tão desejada pelo gênero feminino. Na política, por exemplo, a participação feminina ainda é bastante reduzida.

A homenagem retoma alguns aspectos da feminilidade que foi construída e imposto às mulheres como, por exemplo, o ideal de beleza, doçura e carinho. Nessa imagem, vemos uma mulher branca e bem arrumada. Não vemos outras mulheres.

Embora reconheça que a mulher conquistou espaços importantes, a homenagem que tenta passar a impressão de mulher “moderna” ainda há o reforço dessa mulher ao lar, como podemos constatar no último trecho.

Por último, temos o seguinte trecho: “A mulher conquistou seu espaço – e nós temos o orgulho de oferecer tudo o que ela precisa para mobiliá-lo”. Algumas palavras

que nos ajudam a entender como ocorre esse reforço da mulher no lar, são: “nós”, “orgulho”, “oferecer”, “precisa” e “mobilizá-lo”.

O pronome pessoal “nós”, nesse caso, assume outro efeito de sentido porque é contraposto ao substantivo “mulher”. Ou seja, o “nós” remete aos homens e a relação de alteridade com as mulheres, no caso orgulho.

No sentido dicionarizado pelo dicionário Aurélio (2008), o verbo “oferecer” significa apresentar algo ou propor para que seja aceito, dar como oferta, mimo ou presente. Tendo isso em vista, os homens têm orgulho em oferecer algo que eles acreditam que as mulheres precisam, nesse caso as mobílias. A mulher na imagem não aparece numa loja, rua ou shopping, mas em casa. O homem não aparece nesse espaço.

Portanto, a homenagem coloca superficialmente a imagem de mulher “moderna”, que conquistou direitos e reserva, reafirma o espaço dela no lar e, conseqüentemente, a sua dependência em relação ao marido.

A seguir temos uma homenagem da Engeco: “E tem gente que ainda acha que lugar de mulher é na cozinha”. Vemos uma mulher na academia e em volta outros espaços da casa.

*Tem gente que ainda acha
que lugar de mulher é na cozinha.*

A Engeco acha que mulher merece muito mais. Por isso, quando projeta seus empreendimentos, pensa no conforto, no bem-estar e na qualidade de vida de todas elas. Afinal, pensar na mulher é pensar em toda a família.

8 de março - Dia Internacional da Mulher
Uma homenagem da Engeco.

ENGECO
Soluções para o futuro

Quando a homenagem fala em “lugar de mulher” e “cozinha” outros efeitos de sentido são articulados, retomando assim uma memória discursiva na qual à mulher cabia exclusivamente as atividades domésticas.

Por último, temos: “A Engeco acha que a mulher merece muito mais. Por isso, quando projeta seus empreendimentos, pensa no conforto, no bem-estar e na qualidade de vida de todas elas. Afinal, pensar na mulher é pensar em toda a família. ”

Destacamos dois trechos: “a mulher merece muito mais” e “pensar na mulher é pensar em toda a família”.

Nesses trechos, temos uma reafirmação do espaço da mulher ao lar. Ela pode ter empreendimentos enquanto recompensa para esse lugar de mulher que ela ocupa e que trará benefícios a família.

A homenagem abaixo é do Centro Universitário do Norte (UNINORTE) no Dia Internacional da Mulher. Vemos algumas porcentagens que visam demonstrar a participação feminina na área administrativa, docência e no número de alunas dentro da instituição.

**MULHERES
NOTA 10.**

65%
A força da mulher está presente no Uninorte: 65% dos colaboradores da área administrativa.

55%
Seu corpo docente é cheio de graça e beleza: 55% são professoras especialistas, mestras e doutoras.

61%
O futuro é cor-de-rosa: 61% dos alunos do Uninorte são da ala feminina.

O POETA QUE NOS PERDOE, MAS COMPETÊNCIA TAMBÉM É FUNDAMENTAL.

LAUREATE
INTERNATIONAL
UNIVERSITIES

UNINORTE
CENTRO UNIVERSITÁRIO OESTE PARANENSINO

Foto: Olycom Marketing

No seguinte trecho, temos: “Seu corpo docente é cheio de graça e beleza”. Destacamos “cheio de graça” e “beleza” para que possamos entender o funcionamento discursivo dessas palavras.

Há uma retomada do discurso da feminilidade quando destaca que seu corpo docente é “cheio de graça” e “beleza”. Se fosse um homem, esses sentidos seriam articulados? Teríamos esse efeito de sentido?

Ou seja, apesar de demonstrar colocar a mulher em outro patamar, a homenagem retoma a imagem tradicional da mulher com o reforço de uma feminilidade que durante séculos foi construída.

Por último, temos: “O poeta que nos perdoe, mas competência também é fundamental”. Ao mesmo tempo que há retomada dessa imagem tradicional, há também

uma ruptura. A homenagem retoma com o adjetivo “beleza” e, por fim, rompe quando afirma que “competência” é fundamental.

A homenagem retoma um dos poemas de Vinicius de Moraes chamado Receita de Mulher onde contém a famosa frase: “As muito feias que me perdoem mas beleza é fundamental.”

O ponto nodal na homenagem é o advérbio “também” porque, além de retomar esse ideal de feminilidade, ele ainda acrescenta a ideia de competência. Ou seja, além das atribuições que são impostas a mulher dentro do ambiente doméstico, no mercado de trabalho ela ainda precisa ser competente.

Portanto, a mulher conquista o mercado de trabalho com as características do lar, com o discurso da feminilidade propagando o ideal de beleza e felicidade para cumprir o seu “dever” e ser competente, agrupando tudo isso.

Abaixo temos a homenagem do Hospital Santa Júlia no Dia Internacional da Mulher com o seguinte título: É Mulher. Nessa homenagem vários termos retomam essa mulher idealizada, a começar pelo título.



Há formações discursivas embasando esse discurso, ou seja, que cuidar é características das mulheres, independente da função que ocupa, algo que remete a imagem de mãe.

Isso fica bem mais evidente quando são usados os termos “colaboradoras” e “todas as mulheres que cuidam da gente”. Se mudarmos o primeiro termo por “profissionais”, podemos articular outros efeitos de sentido. Porém, não se encaixaria com o desejo de mulher que a propaganda almeja construir.

Além disso, temos outro trecho que reforça ainda mais essa imagem de mulher, desta vez pela alteridade. Em “todas as mulheres que cuidam da gente”, ou seja, as mulheres se caracterizam em virtude daquilo que os homens precisam.

O excerto seguinte é do jornal *A Crítica* de 2012.



A novela *Fina Estampa*, exibida pela Rede Globo em 2011, colocou em cena um outro modelo de mulher. A personagem Griselda, chamada de “Pereirão”, interpretada pela atriz Lília Cabral, faz diversos trabalhos considerados masculinos ou como sendo especialidades dos homens.

A trama conta a história da açoriana Griselda, que veio para o Brasil ainda muito cedo. Foi mãe aos quinze anos e, depois de um misterioso acidente, seu marido Pereirinha (José Mayer) acabou sumindo no mar e ela acabou criando seus três filhos sozinha.

Para sobreviver e manter a casa, ela procura uma das únicas atividades que havia aprendido fora do lar: mecânica. Griselda conserta pneus, mexe com eletricidade, faz reparos em eletrodomésticos e presta seus serviços em outras casas. Usando um macacão de oficina, Griselda passa a ser chamada de “Marido de Aluguel” ou “Pereirão” devido aos serviços que presta.

No ano de 2012, o jornal *A Crítica* no caderno Cidades, utiliza a personagem da novela para se referir às operárias da construção civil e, apresenta o seguinte título: *“Griseldas” estão na vida real.*

São três entrevistadas que descrevem a transição do espaço doméstico para o mercado de trabalho, ocupando posições ainda predominantemente masculinas: Sulamita Rodrigues (pedreira), Priscila Santos (bombeira hidráulica) e a Danile Carnaúba (mecânica).

DIA INTERNACIONAL DA MULHER

‘Griseldas’ estão na vida real

Trabalhadoras de Manaus mostram que a personagem da atriz Lília Cabral, em ‘Fina Estampa’, pegam pesado no batente

CAROLINA SILVA
carolina.silva@critica.com.br

Ha seis meses o Brasil vem acompanhando a história da personagem Griselda, a “pedreira” interpretada pela atriz Lília Cabral na novela Fina Estampa. E em tempos modernos, a personagem vem mostrando para milhões de brasileiros que as mulheres podem romper as barreiras da desigualdade dos sexos e exercer aquelas funções consideradas tipicamente masculina. Se é certo quebrau, o lampião está acesa e o estouro: um caso já está sendo dado conta do recado.

Fora dos cenários de teatrinha e telenovela brasileira, pessoas reais da vida real também ultrapassam os limites da desigualdade entre os sexos. Exercem profissões que antes eram apenas ocupadas por homens. Movendo-se na fronteira com o preconceito, lutam diariamente contra as dificuldades pela valorização na profissão.

É em casa que a pedreira Sulamita Rodrigues, 41, começou a provar que mulher não é sexo frágil como afirmavam os antigos. Fazia serviços básicos e um pouco de construção civil. Com um grande interesse pela área, Sulamita foi mais longe.

Aos 39 anos, resolveu se qualificar no ramo das construções e há mais de dois anos trabalha



Sulamita sofreu com o preconceito dos colegas, mas superou tudo e há mais de dois anos trabalha em grandes obras

em grandes obras da cidade.

“No começo a gente sente um pouco de rejeição dos colegas de trabalho já que são homens em sua grande maioria. Eles parecem não confiar que temos a mesma capacidade que eles. Mas nos últimos anos a gente já percebe que a presença da mão-de-obra feminina tem se fortalecido e temos provado que somos tão ou mais capazes”, diz.

Sulamita ainda defende que em alguns casos, o resultado de trabalho das mulheres nesse ra-

tu chega a ser melhor que dos homens por serem mais perfeccionistas que eles. A pedreira também acrescenta que o mercado de trabalho da construção civil é o que mais tem dado oportunidades para as mulheres superarem os limites dessa desigualdade entre os sexos.

“Mas ainda esperamos que essa conquista de espaço seja ampliada para outras profissões que antes ainda são exercidas somente por homens”, diz para Sulamita. Além disso, quem

também trocou o salto alto pelas botas e os serviços domésticos pelo trabalho nos canteiros de obras foi a bombeira hidráulica Priscila Santos, 32.

A ex-dona de casa conta que foi a busca por melhores condições financeiras que a atraíram para o ramo de construção civil e revela que no início esbarrou nas dificuldades impostas pelo preconceito. “Os homens ainda tem aquele pensamento machista de que não podemos nos meter com o trabalho de ho-

Sabemos

>> MASCULINIDADE

No dia 8 de março é celebrado o Dia Internacional da Mulher pois foi neste dia, no ano de 1857, que operárias de uma fábrica de tecidos, nos Estados Unidos, fizeram uma greve para reivindicar melhores condições de trabalho e tratamento digno. A manifestação foi reprimida de maneira violenta. A fábrica foi trancada e incendiada. Ao todo, 130 mulheres morreram carbonizadas. Diante desta repressão, várias ações e movimentos surgiram em diversos países para promover a igualdade entre homens e mulheres.

meu. E além disso, acham que tomamos o lugar deles”, diz.

Há seis meses, Priscila tem trocado as panelas pelas ferramentas de trabalho. E diz não ter sentido a falta de que mulheres não estão prontas para serviços hidráulicos. “Assim como os homens fazem curso, nos também fazemos. E não existe um ensino diferenciado do ponto de vista teórico. Então, por que seria diferente na prática?”, questiona. E é esse desafio incessante no dia a dia que parece impulsionar grande parte das mulheres a provar que são capazes sim de exercer qualquer profissão.

Rompendo preconceito dentro de casa

Desde criança aprendeu com o pai a fazer pequenos consertos no carro da família. Aos 17 anos Danile Carnaúba já trabalhava como mecânica automotiva em uma grande concessionária de veículos da cidade. “Meu pai foi técnico e quando fazia serviços no carro dele, eu ficava olhando e começei a fazer também. Eu trocava água e outros coisas”.

Há também conta que por não ser fácil encontrar ferramentas com ferramentas e não o aptas para mexer em veículos, algumas pessoas desacreditavam em seu potencial. “Cientes” trocaram surpresas quando não viu mexendo em seus veículos, mas sempre procurei fazer um bom trabalho pra mostrar que a qualidade do resultado não depende do sexo”.

Hoje, mesmo longe das ferramentas, a jovem Danile é totalmente a favor dessa “miserável” das mulheres por fazer as funções antes exercidas apenas por homens.

Do discurso de Sulamita podemos destacar alguns itens que ajudam entender que essa transição da mulher do espaço doméstico para o mercado de trabalho ainda é vista de forma preconceituosa pelos homens. São eles: “rejeição dos colegas”, “Eles parecem não confiar que temos a mesma capacidade que eles”, “mão de obra feminina tem se fortalecido”.

A mulher quando ocupa funções outrora domínio dos homens, tem a necessidade constante de provar que sabe desempenhar outras atividades e mostrar competência.

“Foi em casa a pedreira Sulamita Rodrigues, 41, começou a provar que não é sexo frágil como afirmavam os antigos. Fazia serviços básicos com pouco conhecimento que tinha no ramo da construção civil”.

O discurso patriarcal que assolou a nossa sociedade criou nas mulheres a ideia de sexo frágil e, com isso, impondo-lhes submissão e confinamento ao lar. No trecho acima, há retomada desse discurso por parte da entrevistada, mas para se contrapor e questionar o domínio masculino.

Percebemos uma intensa relação de forças, disputas por novos sentidos com relação a posição da mulher no mercado de trabalho.

“Sulamita ainda defende que em alguns casos, o resultado do trabalho das mulheres nesse ramo chega a ser melhor que dos homens por serem mais perfeccionistas que eles”.

O discurso de Sulamita reforça o desejo que a mulher moderna tem de se afirmar no ambiente de trabalho, vemos isso nos seguintes trechos: “em alguns casos”, “o resultado do trabalho das mulheres”, “melhor que dos homens”.

Além disso, a mulher moderna é cobrada em diversos aspectos, como: ser boa mãe, ótima profissional, mostrar competência, estar bem arrumada e lidar com diversas tarefas simultaneamente. Não se fala, por exemplo, a participação do homem nas tarefas do lar e na valorização da mulher no mercado de trabalho.

As mulheres conquistaram o mercado de trabalho, mas as atividades domésticas ainda são desempenhadas por elas, em grande parte dos casos, sem a divisão dessas tarefas com o parceiro.

Quando o homem sabe cozinhar, por exemplo, isso é visto como algo grandioso, símbolo de distinção. Porém, quando a mulher não sabe cozinhar é diferente. Ela vista como sem atributos, sem valor.

Essa matéria escrita no *A Crítica* retoma o espaço ao qual as mulheres pertenceram durante muitos séculos, desta vez, para se contrapor e demonstrar superação. As expressões em destaque a seguir mostram isso:

“Além dela, quem também trocou o **salto alto** pelas botas e os **serviços domésticos** pelo trabalho aos canteiros de obras foi a bombeira hidráulica, Priscila Santos, 32”.

“A **ex-dona de casa** conta que foi a busca por melhores condições financeiras que a atraíram para o ramo de construção civil e revela que esbarrou nas dificuldades impostas pelo preconceito”.

“Há sete meses, Priscila tem trocado as **panelas**. E diz não ter sentido a ideia de que as mulheres não estão prontas para serviços hidráulicos”

Nota-se nos trechos acima, o silenciamento com relação ao espaço doméstico. A mulher ascendeu aos postos do mercado de trabalho e rompeu com as atividades estritamente domésticas.

Porém, não constatamos o que faz a mulher depois da longa jornada de trabalho em casa. Se o marido divide as tarefas de casa com ela, se partilha ou não no cuidado com os filhos. Se arruma ou não a casa. Percebe-se, nesse caso, que o espaço doméstico, privado, é silenciado.

Abaixo temos uma homenagem da Madeireira São Thomé, publicada nos Classificados do Jornal A Crítica.

Ao lado de um bom Marceneiro, existe sempre uma grande Mulher.

6 de março
Dia Internacional da Mulher

A Madeireira São Thomé vem publico parabenizar todas as mulheres amazonenses, que durante anos vem conquistando seu espaço em todas as áreas sociais e profissionais, inclusive nas **MARCENARIAS**.

Visite nossa loja, os primeiros 50 clientes ganharão uma rosa para presentear a mulher mais importante de sua vida.

ST MADEIREIRA SÃO THOMÉ
RedePCC

www.madeireirasaothome.com.br
Fones: (32) 3611-1213/ 2631-8434
Rua Teó, 520 - Cachoeirinha

No anúncio, temos: “Ao lado de um bom Marceneiro, existe sempre uma grande Mulher”. Percebe-se que, nesse caso o homem tem uma profissão e é reconhecido por isso; enquanto a mulher não. Se tivéssemos, em vez de “uma grande Mulher”, “uma grande Marceneira” outros sentidos seriam mobilizados.

O anúncio destaca que as mulheres vêm conquistando espaços em diversos setores do mercado de trabalho, inclusive nas marcenarias. Porém, na última palavra “MARCENARIAS”, vemos que ela está em azul assim como “Marceneiro”. Um dos sentidos possíveis é que esse lugar ainda seja de domínio dos homens.

Na imagem, temos a mulher operária mas seu discurso também não aparece, embora o jornal afirme que a presença da mulher é cada vez maior no Polo Industrial de Manaus (PIM).

A Crítica também destacou a influência da mulher na ciência e afirma que o perfil da pesquisa no Amazonas vem mudando, adquirindo feição mais feminina, abandonando o estereótipo do cientista de jaleco e com aparência diferente e de espaço predominantemente masculino.

A entrevistada Maria Olívia Simão, doutora em Biologia de Água Doce e Pesca Interior, descreve o papel da mulher na ciência e as mudanças que vêm ocorrendo no mundo científico e na maneira de fazer pesquisa.

“Olívia afirma que para desenvolver trabalhos de pesquisas, as mulheres têm algumas aptidões que a levam a conseguir resultados interessantes, pois dificilmente abandona, dando conta dos dois papéis de mãe e pesquisadora”

“Em outro aspecto, ela diz que a delicadeza da mulher é fundamental no exercício de algumas atividades em laboratórios, onde há exigência de precisão, uma habilidade feminina.”

Podemos observar nos trechos em destaque, novamente, a retomada do discurso da feminilidade: “delicadeza da mulher”, “exigência de precisão”, “mãe e pesquisadora” e “habilidade feminina”.

Na reportagem do *A Crítica*, no caderno de Esportes, jornal destaca a participação feminina no futebol. Todavia, não vemos mulheres enquanto jogadoras de futebol, mas como profissionais ligadas ao esporte.

A matéria tem o título da matéria: “Participação feminina: Avanço bem quisto”. A seguir, destacamos alguns trechos que ajudam a entender como a mulher é vista:

“Muito além de emprestar beleza, senso de organização e delicadeza, as mulheres têm conquistado espaços importantes no futebol amazonense”

“Quando a beldade é acionada a entrar em campo para atender jogadores batidos, os marmanjos enchem os olhos.”

“[...] explica a morena”

Pelo discurso, vimos novamente o retorno ao discurso da feminilidade, que afirma como atributos da mulher a beleza, delicadeza e o seu poder de atração no sexo oposto.

Participação feminina

AVANÇO BEM QUISTO

Presença de mulheres nos clubes e na arbitragem do futebol amazonense aumenta a cada ano

PAULO RICARDO OLIVEIRA
paulo@diariocritica.com.br

Muito além de empacotar bebidas, senão de organização e de limpeza, as mulheres têm conquistado espaços importantes no futebol amazonense. Elas sorriam do papel conquistado para dividir com os homens funções do primeiro e dos outros clubes. No quadro de arbitragem da Federação Amazonense de Futebol (FAF), a participação feminina também aumenta significativamente.

Grazielly Coutinho, de 26 anos, foi contratada pelo São Raimundo como fisioterapeuta oficial para o primeiro tempo do estadual. Quando bebês e crianças entram em campo para atender jogadores profissionais, os marmanjos encimam os olhos. Sobre a estrutura de trabalho que o clube oferece para que ela possa realizar as sessões de fisioterapia com os jogadores do Tufão, Grazielly disse que apesar de modesta, consegue trabalhar adequadamente para recuperar os atletas. "A estrutura ainda é modesta pelo cangaço que está sendo feito, mas o trabalho vai entrar em reforma para a Copa do Mundo. Mas estamos conseguindo fazer um bom trabalho porque os jogadores, felizmente, não estão com contusões graves e está mais fácil de fazer um trabalho preventivo. Estou atuando de forma diferenciada com cada jogador de acordo com a lesão apresentada", explica a moço-

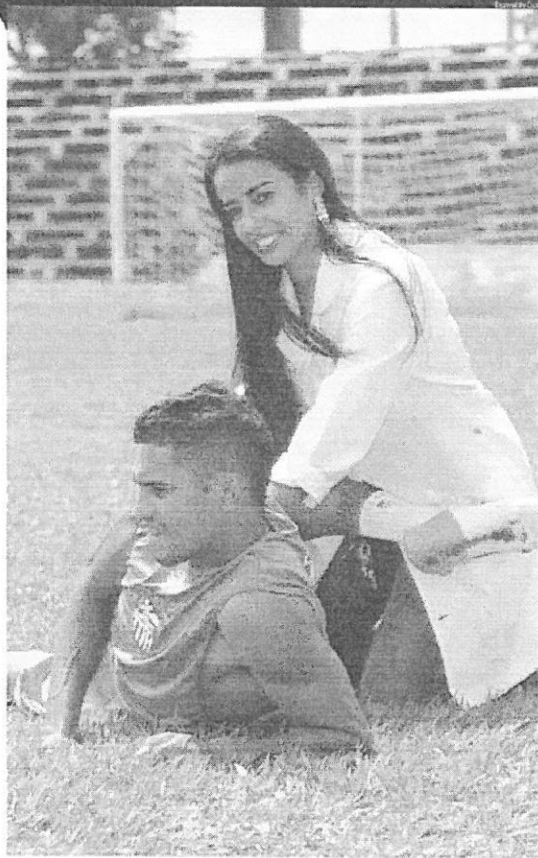
Aumento na atuação



Nos gramados
Há 42 pessoas no quadro de arbitragem da FAF, das quais seis são mulheres - cinco assistentes e uma árbitra -, o que representa um pouco mais de 14% do universo. Conforme entidade, o salário é igual para ambos os sexos.

na nascida na cidade de Itapiranga, no Pará, especializada na área de biomecânica.

MULHERES NA FAF
Liliane Trindade da Costa, 24, está no último período de Serviço Social na Unip, mas arrumou tempo para atuar como assistente de arbitragem no quadro da Federação Amazonense de Futebol (FAF). Ela estuda no Estadual desde ano e se sente disposta a continuar na função, fazer o curso de Licenciatura em Física para trabalhar como árbitra principal. "As mulheres estão dando um grande passo na conquista de espaço no futebol. O trabalho é complicado, você tem muitas desagradáveis, mas faz parte da vida de mercador e continue", explica a estudante, que ganha R\$ 380 por partida. "Se for no interior, dependendo da cidade, a gente ganha um bônus". Liliane nasceu em Monte Alegre (PA).



BELEZA ENCANTADORA Grazielly e a versão feminina do "mão santa" do Tufão da Colina

Secretária faz tudo no Fast

No Fast Clube há uma mulher exercendo cargo com peso de diretoria. Nádia Dutra Chaves, 50, é a secretária geral do Tufão Cordeiro. Ela é a responsável por muitas das atividades e pela gestão do "fast-tudo" no clube, com a motivação de uma atleta profissional. É Nádia quem desmonta os serviços de arbitragem no clube. Contrata e negocia com jogadores e com a secretária geral, assim como faz as compras, providencia alimentação dos jogadores, adapta serviços de lavanderia, faz pessoalmente o pagamento da folha salarial. "Aqui difícil, um mulher no futebol amazonense que faz tudo que o homem faz aqui no clube", elogia o vice-presidente do clube, Claudio Nobre. O salário de Nádia, porém, não é comparado aos homens. Um mulherão e último período de Serviço Social na Unip. "Estou no Fast desde 2009, desde que o Claudio Nobre assumiu o clube. Atendo ao projeto da nova diretoria e atendo aos jogadores", afirma a diretora.



"O trabalho é um tanto complicado, você ouve coisas desagradáveis, mas faço 'ouvido de mercador'"

Se não fosse o Fast, se não fosse de arbitragem para a FAF.

Três perguntas

1. Grazielly Coutinho / FOTOGRAFIA DO TUFÃO DA COLINA

1 Existe algum tipo de preconceito em relação ao seu trabalho no São Raimundo?

Não. Ainda não notei diretamente isso. O preconceito está nos próprios jogadores, por parecerem ter vergonha de quem está perdendo. Mas, conforme o tempo vai passando, eles vão ficando mais desinibidos comigo. Creio que há uma misorvaloração do trabalho das mulheres mesmo no futebol, onde os homens dominam.

2 Fale sobre sua primeira experiência em um clube profissional?

Eu trabalhei em uma empresa do Distrito Industrial, mas no futebol profissional é a minha primeira experiência. Acredito que

vou aprender muito mais nessa área esportiva. Eles são uns garotos muito respeitadores. Para mim está sendo mais fácil aceitar as palavras dos técnicos que pegam um pouquinho pesado durante os jogos de campeonato. A primeira vez que ouvi falar de futebol foi bem impactante, mas está sendo muito proveitoso do ponto de vista profissional, pois é um trabalho mais específico, de campo, é muito valioso para mim.

3 O salário é equivalente a de um homem?

Acho que essa é uma questão que se resolve entre o profissional e quem faz a proposta para ele. O valor é variável e depende de muitos fatores, como o conhecimento e a valorização do seu trabalho. Quanto mais competente, maior salário.



ASSISTENTE Eliane faz "ouvido de mercador" aos xingamentos



TEM MORAL Nádia exerce cargo com peso de diretoria no Fast

No *Jornal do Commercio* de 2013, o foco em relação ao Dia Internacional da Mulher é para as empreendedoras. Podemos constatar também, algumas referências às mulheres que tiveram grande relevância para ciência, para a política e literatura.

O editorial do *Jornal do Commercio*, 2013, tem como título: A força e a alma da mulher na luta e na festa da sua data maior no Estado do AM.

Além da homenagem, o editorial retrata a luta por maior reconhecimento no mercado de trabalho, maior presença no Legislativo, chegada aos mais altos cargos do Executivo como Brasil e Argentina, com Dilma Rousseff e Cristina Kirchner respectivamente.

Há também homenagens feitas às mulheres na poesia e verso por Vinicius de Moraes. Na música, principalmente por aqueles considerados ícones da MPB, como Chico Buarque e Caetano Veloso

No editorial há também relatos sobre as violências sofridas pelas mulheres, mas também a participação e liderança em cargos de comando na hierarquia em todos os poderes do mundo.

O jornal traz um artigo sobre a inadimplência das mulheres, os motivos que levam as mulheres assumirem um número cada vez maior de dívidas, maior presença no mercado de trabalho, poder maior de decisão na gestão do lar. Por fim, o artigo apresenta propostas e medidas para sanar as dívidas e gerenciar melhor as contas.

Outra matéria que o jornal traz é sobre as mulheres empreendedoras. O título é: Sem medo de empreender. A matéria descreve sobre mulheres que desejam buscar novas formas de empreender, adquirir conhecimentos por meio de oficinas, cursos ou consultorias.

O jornal cita dados que comprovam o aumento no número de mulheres que desejam empreender, agora não mais por motivo de necessidade, mas como um projeto de vida.

Outro artigo que o jornal traz é de autoria de Evaldo Ferreira, no qual ele traz à tona a necessidade de reflexão por parte de homens e mulheres sobre o papel do gênero feminino na sociedade, as condições humilhantes e o longo percurso para conquistar o respeito pleno.

Em *A Crítica*, 2014, a ênfase é maior na mulher e na sua participação na política. É necessário lembrar as condições de produção e a consequente emergência desse discurso. Nesse ano, foram disputadas eleições para vereador (a), prefeito (a), governador (a) e presidente (a).

Uma das matérias selecionadas para a análise foi a de autoria de Janaína Andrade e tem como título: Mulheres defendem ampliação de espaço. Ela descreve a participação feminina na política que, apesar de ainda ser baixa, tem mostrado que é um espaço no qual as mulheres podem ocupar também.

Uma das entrevistadas é Nonata Mestrinho, 50, funcionária pública. Ela destaca a importância das mulheres na sociedade, mas especificamente em cargos públicos. Observe o discurso a seguir:

“Na política, a mulher tem uma visão mais ampla do que os homens, pois além de ter a responsabilidade de cuidar de uma família, do marido, dos filhos, ela também tem a completa capacidade de ter um bom desempenho ocupando qualquer cargo público, seja como vereadora, deputada, e quem sabe governadora.” declarou Nonata.

É interessante observar que, a entrevistada parte para o espaço público com as características do privado. Ou seja, para se constituir enquanto sujeito, a mulher se firma em oposição àquilo que supostamente se acredita que o homem não seja.

Sem perceber, embora isso faça parte do processo discursivo, Nonata retoma a formação discursiva patriarcal em que se afirmava que as responsabilidades da mulher eram cuidar da família, dos filhos e do marido. Todavia, como toda formação discursiva, carrega características de outras formações discursivas, neste caso: formação discursiva feminista.

No ranger dos sentidos, essas duas formações discursivas se fazem presente no discurso de Nonata. No primeiro, temos aquele “ideal” de mulher outrora exigido das mulheres e, há também não somente esse discurso como aquele que prega que as mulheres têm a mesma capacidade que os homens no desempenho em qualquer cargo público.

Vimos que durante séculos, a mulher se constitui em oposição daquilo que o homem supostamente não seria. Delimitavam-se os papéis que homens e mulheres deveriam assumir na sociedade.

Ao chegar na política, muitas dessas características permearam e corroboraram a dominação masculina e dificulta a presença da mulher em espaços de tomada de decisão. Às vezes, devido a jornada de trabalho mantida pela mulher e, na maioria dos casos, exclusivamente por ela.

A entrevistada busca na memória discursiva no qual eram atribuídos à mulher somente as atividades como o cuidado com o lar, com os filhos e marido, para tentar manter e destacar a presença da mulher em relação ao homem no âmbito da política.

Não somente nos cargos políticos, as mulheres se sentem constantemente compelidas a mostrar também competência e determinação muito mais que os seus companheiros homens como, por exemplo, no mercado de trabalho.

Destacamos a seguir, dois trechos da entrevista feita com a policial civil Leusdélia que demonstram claramente a necessidade que a mulher sente e que dela são constantemente cobradas no ambiente público.

“A policial civil Leusdélia Cavalcante, 58, declarou que a mulher deve ocupar com mais frequência cargos políticos, **porque já demonstrou** que pode se sair melhor do que os homens no desenvolvimento de ações e projetos durante uma legislatura.”

“Não é por ser mulher, não, mas realmente avalio como mais positivo o trabalho de mulheres na carreira política. Infelizmente, esse ainda é um universo machista, o que obriga aquelas candidatas que conseguem se eleger automaticamente **se esforçar e se afirmar diariamente**. Seja na Câmara Municipal, seja na Assembléia. A mulher se elege, mas além disso vai precisar de uma **firmeza constante**, avaliou a policial.”

Nos trechos em destaque, podemos perceber que o empenho das mulheres no desempenho de suas atividades no mercado de trabalho ou na política, deve ser maior que os dos homens. Isso ocorre devido há séculos em que se afirmava que as mulheres não podiam guiar os rumos de suas próprias vidas, sempre necessitando da proteção de um homem.

Primeiramente, o pai e em seguida o irmão; por último, quando já estivesse “pronta”, casava-se e tornava-se propriedade do marido. O casamento era encarado como uma forma de proteção da mulher em meio aos perigos que a vida em sociedade podia oferecer.

Quando a entrevistada afirma que a mulher “já demonstrou” se sair melhor que os homens no desempenho de suas funções, ela parte daquele lugar no qual a mulher fora confinada durante séculos e chega na legislatura. Contudo, ainda com grande necessidade de se impor e provar competência.

Constatamos isso mais claramente nos trechos: “se esforçar”, “se afirmar diariamente” e “firmeza constante”. Os sentidos, o silêncio o não-dito perpassam todo o dizer da entrevistada.

Outra entrevistada é Jovita José Rocha, diretora do Movimento de Combate à Corrupção Eleitoral (MCCE). Assim como a primeira entrevistada Leusdélia, Jovita fala dos desafios pelos quais passam as mulheres na política.

“A mulher precisa **descobrir** o papel dela na sociedade, para sair dessa representação tão tímida nas disputas eleitorais, e finalmente conseguir se eleger. Nós, mulheres, somos maioria no País em quantidade de votos, e existe uma desigualdade intencional por parte dos partidos políticos, que são obrigados a disponibilizar 30% das vagas nas campanhas eleitorais para mulheres, mas não oferecem a mesma estrutura e apoio oferecidos aos homens.”

O discurso patriarcal que defendia a posição subalterna da mulher em relação ao homem sofreu grandes abalos. Porém, no espaço mais importante onde são tomadas as decisões que atingem a todos (as) o poder patriarcal está em pleno funcionamento.

Em AD sabemos que as palavras não são neutras e a relação do dito com o não-dito é fundamental para pensarmos discursivamente. Portanto, percebe-se o confronto entre duas diferentes formações discursivas: patriarcal e feminista.

A sociedade se transformou no decorrer dos séculos, mas o poder decisório ainda permanece nas mãos dos homens. Em consequência disso, quando a entrevistada afirma que “a mulher precisa descobrir o papel dela na sociedade”, fica subentendido que a mulher ainda não descobriu qual seria o seu papel e rompe com o discurso da feminilidade.

Outra matéria do jornal *A Crítica*, também sobre a participação da mulher na política, tem como título: **Desigualdade na política: Brasil é o 156º na lista de mulheres no Legislativo.**

Nesse artigo, autoria de Antônio Paulo, relata sobre a participação das mulheres nas eleições de 1982, assim como a primeira deputada eleita Carlota Pereira de Queiroz em 1934, e a primeira senadora do Brasil Eunice Michiles, pelo Amazonas em 1979.

“[...] os principais fatores que **limitam e impedem** a presença da mulher na política são: a elevada **carga de trabalho**, com tripla jornada, o **caráter machista** da sociedade e o **domínio masculino** dos partidos políticos.”

Nos trechos acima em destaque, temos os efeitos de sentido do domínio masculino na presença da mulher no âmbito da política. Ou seja, por mais que o discurso patriarcal não se materialize, não mostre a sua face, ele se faz sentir quando a mulher almeja cargos na política.

Com isso, o domínio masculino ainda tão profundamente arraigado impõe atividades domésticas às mulheres e inviabiliza a participação feminina em outros setores ainda fortemente dominado por homens, caso da política.

“A ineficiência dentro do atual sistema brasileiro de cota nas listas de candidaturas, a baixa alocação de recursos nas campanhas das mulheres. A falta de punição aos partidos que não cumprem a legislação, a ausência de informação e de campanhas de conscientização também contribuem para a baixa presença da mulher na política.”

O silenciamento do discurso patriarcal perpassa o discurso da mulher e a sua presença na política. Por mais que esse discurso não exponha suas características ao restante da sociedade, ele marca seu domínio por meio de baixos investimentos nas campanhas das mulheres. Portanto, a manutenção do poder masculino na política se mantém e inviabiliza o cumprimento da legislação.

O *Jornal do Commercio* em 2014, destaca que a presença feminina no mercado de trabalho vem diminuindo e ressalta ainda a diferença na remuneração salarial entre os gêneros.

Há destaque para a mulher empresária e na maneira como ela gerencia os seus negócios, como elas vêm conquistando o mundo dos negócios e mostrando a força empreendedora. Além disso, constatamos também, o foco no embelezamento das mulheres com presença de maquiador das famosas para dar dicas de como realçar a beleza da mulher, retomando o discurso de um ideal de mulher.

Outra matéria que aparece no jornal no Dia Internacional da Mulher e escrita por Evaldo Ferreira, tem como título: **O sexo nada frágil**.

A começar pelo título, podemos perceber o retorno ao discurso tradicional a respeito da mulher, mas desta vez para se contrapor. Uma mudança de sentido que altera toda a cadeia de significações sobre a mulher.

Porém, em um dos trechos citados na matéria, vemos não somente a retomada do discurso tradicional que impunha às mulheres as atividades domésticas, como um reforço

desse discurso. Por exemplo, temos: **“Mulheres são cada vez mais valorizadas na sociedade diante da sua iniciativa para sempre edificar as famílias”**

Algumas palavras são bastante significativas e ajudam a entender o funcionamento discursivo aí presente. Em “mais valorizadas”, “na sociedade”, “diante” e “edificar as famílias”, podemos observar a construção da subjetividade da mulher bastante relacionada ao ambiente doméstico. Ou seja, a mulher será responsável e valorizada socialmente desde construa família e transmita valores a ela.

Ainda na matéria, a entrevistada Márcia Marques é empresária e, segundo o Jornal, é separada do marido e criou a filha praticamente sozinha. Destacamos a parte em que seu discurso aparece:

“Foi um desafio assumir o papel de mãe e pai, ao mesmo tempo, sem perder a feminilidade porque, queira ou não, quando você cria um filho, em algum momento precisa assumir o papel de pai. Não sei se teria sido mais difícil se, ao invés de uma filha, eu tivesse um filho. Tenho amigas, separadas e com filhos, que enfrentam sérios problemas com eles. Quando crianças, querem a presença de um pai; quando adolescentes, querem se impor diante da mãe e dificultam o que podem para ela não arrumar um novo companheiro, além dessas questões, ainda precisamos ser mantenedoras do lar.”

Nesse discurso, surgem algumas indagações no que tange ao papel da mãe e do pai. Contudo, não podemos constatar qual seria o papel da mãe e qual seria o papel do pai. Além disso, a entrevistada fala a respeito da feminilidade e da necessidade de mantê-la, mas não descreve sobre esse conceito.

No trecho “em algum momento precisa assumir o papel de pai”, nota-se o retorno à figura paterna. Porém, não é falado sobre o que seria o papel do pai. Percebe-se, portanto, a necessidade da presença do pai na relação familiar, embora as entrevistadas tenham criados sozinhas seus filhos (as).

Muitas questões são silenciadas no discurso da entrevistada. Ela relata, como podemos perceber acima, a possível dificuldade em ter filhos ao invés de filhas. Observe o trecho a seguir: “Quando crianças, querem a **presença de um pai**; quando adolescentes, querem se **impor** diante da mãe e **dificultam** o que podem para ela não arrumar um novo companheiro”.

Analisando os trechos acima, há novamente a necessidade da presença do pai e a tentativa de se impor do adolescente em relação a mãe. E, além disso, as mulheres ainda precisam ser as mantenedoras do lar, segundo a entrevistada.

Percebe-se, no discurso analisado, a necessidade e ao mesmo tempo o silenciamento da presença masculina na relação com a família. Por algum motivo, o homem está ausente nessa relação familiar e, por isso, uma série de consequências se impõem às mulheres que acumulam atividades para manter o lar.

Pensando discursivamente o papel tradicionalmente atribuídos a mulher e ao homem, vemos atribuições bem distintas. À primeira, o espaço doméstico ainda é muito forte e a construção de sua subjetividade ou está ligada à atividade outrora desempenhadas no lar, ou na estruturação familiar.

Quanto ao que seria o papel do homem, não é vislumbrado, não é falado. Sabemos que o silenciamento é produtor em potencial de sentidos. E, nesse caso, a presença do homem sempre ocupou posição de prestígio e domínio em relação à mulher.

A mulher convive com a ausência do pai de seus filhos e com todas as consequências daí advindas. É importante ressaltar que, na estrutura patriarcal a educação dos filhos coube tradicionalmente às mulheres, não exigindo participação alguma do homem. Ao entrar no mercado de trabalho, a mulher adquire e acumula outras atividades, principalmente no lar onde o homem ainda é pouco cobrado.

Os textos são recortes da realidade em palavras. Trouxemos esses recortes para pensar o sentido de mulher construído em jornais. Que mulher é essa? Que voz é essa? Como esse lugar é posto na relação social.

O recorte é, portanto, o pretexto para o questionamento maior: o que é a mulher na discursividade contemporânea. É esse o mote de nossa conclusão, a seguir.

3 Terceiro tempo: como se estivesse concluindo.

Fim - o que resta é sempre o princípio feliz de alguma coisa.

Augustina Bessa-Luís

Não há textos. Só há versões. Por isso é necessário fechar a versão.

Neste trabalho, levantamos diversas questões que foram aparecendo no decorrer do trabalho, como: violência, sexualidade, trabalho e família. Contudo, nos mantivemos fieis aos questionamentos iniciais de investigação e procurando entender como ocorre a construção da imagem da mulher, como se fundamenta e se estrutura o conceito de feminilidade ainda tão em voga em nossa sociedade e, também observando silenciamento da mulher em determinados espaços.

Vimos que, apesar de tão divulgada, tão propagada igualdade entre os gêneros, as mulheres ainda recebem salários mais baixos que os homens, às vezes desempenhando as mesmas funções. Esses sentidos apontam para a mulher como ocupante de um lugar secundarizado na sociedade, a despeito das enunciações libertadoras de nossos tempos.

Percebemos também a divisão desigual entre as atividades domésticas. As mulheres trabalham o dia inteiro e quando chegam em casa ainda desempenham as atividades do lar e, na maioria dos casos, sem a devida contribuição do parceiro. É dela esse lugar. Reverbera aqui o discurso patriarcal, com o homem no topo da pirâmide.

Em caso de separação, as mulheres assumem a criação dos filhos, muitas vezes sem a mínima contribuição do pai. Além disso, outro grande desafio aparece quando as mulheres vêem os seus filhos homens crescendo e se sentem desafiadas e sua autoridade sendo questionadas constantemente a medida em que eles crescem. Mais um exemplo das tarefas a ela posta e tomada como natural pelo imaginário social.

No mercado de trabalho, mulheres são empurradas para atividades que reforçam o discurso da feminilidade sobre elas. São atividades que exigem atenção, cuidado, zelo e o manuseio de peças pequenas, como se fossem inerentes à condição feminina.

Um outro ponto que merece destaque, mas que também é bastante sintomático dessa relação desigual entre os gêneros, é o incentivo de instituições em relação à mulher empreendedora. Em seu próprio negócio, a mulher escapa da concorrência desigual e preconceituosa que circundam o gênero feminino no mercado de trabalho em relação ao homem.

Os jornais demonstraram os avanços que as mulheres obtiveram em alguns setores que até pouco tempo eram estritamente masculinos, sem nenhuma participação feminina. Exemplo disso é a política e a construção civil. As desigualdades ainda são fortes e persistem e só aos poucos as mulheres têm conseguido romper o preconceito.

Durante a realização da pesquisa, observamos a constância de certos termos, palavras ou expressões que retomam e reforçam o discurso da feminilidade: “delicadeza da mulher”, “habilidade feminina”, “beleza” e “senso de organização”.

Além disso, a mulher se ver constantemente impelida a demonstrar competência e determinação frente àquilo que é desenvolvido pelo homem. Seus esforços são direcionados para competir e tentar se afirmar em relação ao homem.

Portanto, vimos que a mulher já avançou em diversos setores da sociedade, pode votar, decide se quer casar ou não, pode se candidatar a cargos públicos e etc., mas constatamos que muitas formas de dominação ainda persistem e estão em pleno funcionamento e os jornais demonstram isso. Duas FDs (patriarcal e feminista) fazem ranger a disputa pelos sentidos.

Uma pergunta pode ter perseguido o leitor deste trabalho e ela foi suscitada propositalmente: por que analisar jornais e de um dia específico para compreender o lugar da mulher? Porque foi uma escolha, dentre várias escolhas possíveis. Porque foi um recorte, dentre vários recortes possíveis. Poderíamos ter escolhido buscar o sentido da mulher em filmes brasileiros. Poderíamos ter optado por analisar a produção acadêmica de autoras mulheres em alguma área específica do conhecimento. Mas fizemos outra escolha.

Mais importante, no entanto, do que os textos escolhidos para a análise, temos a compreensão de que qualquer análise deve ir além da textualidade. Fazer análise do discurso envolve pensar na política, na ética e na estética.

Na política porque são sentidos em embate na pólis, na cidade, na vida, as matérias primas do discurso. Na ética porque ao se lançar a um trabalho acadêmico não há como não pensar na relação como a alteridade, com o outro que junto conosco compõe o lugar e a sociedade em que vivemos. Na estética, por fim, porque é a beleza da existência, a qualidade de vida, uma sociedade mais bonita e qualitativamente feliz que se deve buscar em qualquer ação, nas pesquisas acadêmicas inclusive.

Se conseguimos fazer isso em três tempos só o leitor poderá dizer. Entrego o percurso de reflexão sobre o que queremos para a mulher, para as questões de gênero, para as desigualdades, para a indignação em relação à violência contra a mulher, para seu espaço existente e desejado entre nós para o leitor, para que daqui siga seu caminho. Porque há muito o que se caminhar nos tempos a vir.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Ierecê. **Chão de Fábrica – Ser Mulher Operária no Polo Industrial de Manaus**. Manaus: Editora Valer, 2007.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 11 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 2 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.
- CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- GONZALÉZ, Ana Isabel Álvarez. **As origens e a comemoração do dia internacional da mulher**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- FERRO, Marc. **História de França**. Portugal: Edições 70, 2011.
- MARX, Karl. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Centauro, 2002.
- MAZIÈRE, Francine. **A análise do discurso: história e práticas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- MENDES, Walter. **Dia da Mulher: 8 de março, data de lutas e conquistas das mulheres**. Jornal do Commercio, Manaus, 6 a 9 de março. 2011. Negócios & Serviços, p. B3.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 3 ed. Campinas, SP: Editora a UNICAMP, 1995.
- _____. **Discurso fundador**. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2003
- _____. **Terra à vista – Discurso do confronto: Velho e Novo Mundo**. 2 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2008.
- _____. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 9ª ed, Campinas, SP. Pontes Editores, 2010.
- _____. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 6 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.
- _____. **Discurso e leitura**. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- _____. **Discurso em Análise: Sujeito, Sentido e Ideologia**. 2 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.
- _____. **O que é linguística**. São Paulo: Brasiliense, 2013.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 4 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

ROCHA, Patrícia. **Mulheres sob todas as luzes: a emancipação e os últimos dias do patriarcado**. Belo Horizonte: Editora Leitura, 2009.

SAFFIOTI, Heleineth I. B. **A mulher da sociedade de classes**. 3 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SOUZA, Sérgio Augusto Freire de. **Análise de Discurso: procedimentos metodológicos**. Manaus: Instituto Census, 2014.

VIEIRA, Ivânia Maria Carneiro. **O discurso operário e o espaço de fala da mulher – um estudo sobre o *Linha de Montagem***. Manaus: Editora Valer, 2002.